

“Am I really all the things that are outside of me?”

- Estudo correlacional sobre Persistência Pessoal e Vinculação –

Clara Metais nº10833

Orientador de Dissertação:

Nuno Torres

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Nuno Torres

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Nuno Torres, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Ao professor Nuno Torres, pela atenta e preciosa orientação, pela disponibilidade demonstrada, que tornou possível a realização deste trabalho.

Ao professor Orlando Santos, por ter aberto a porta da sua sala de aula.

A todos os participantes, por me oferecerem partes deles.

Às minhas famílias, que existem comigo, dentro de mim, e me dizem quem eu sou com o seu amor.

Ao Pedro, pelas horas e disponibilidade para partilhar comigo a sua vontade de conhecer.

Ao Houdini, ao Pussi e ao Nini, por aumentarem o meu coração.

Ao Filipe, por me ter ajudado a crescer.

Ao João Malveiro, pelas perguntas.

À minha mãe, por tudo. Pelo amor e tanto mais.

A todos, um obrigado sem fim.

Let's not make different look dangerous.

Nome: Clara Alice Liberato Metais **NºAluno:** 10833
Curso: Psicologia Aplicada
Especialização: Psicologia Clínica
Ano Lectivo: 2008/2009
Orientador: Nuno Torres
Data: Novembro de 2009
Título da Dissertação: “Am I really all the things that are outside of me?”
- Estudo correlacional sobre Persistência Pessoal e Vinculação.

Resumo

Sentindo a necessidade de uma compreensão global do que é ser individualmente reconhecido na sociedade pós-moderna, onde a mudança é valorizada, tentámos perceber que garantias de persistência pessoal dois grupos diferenciados pela idade e profissão (um grupo de alunos universitários e um grupo de professores) adoptavam. Utilizámos a entrevista de persistência pessoal, que Chandler et. al, (2003) desenvolveram a partir de um estudo que tentava compreender as elevadas taxas de suicídio entre os grupos de indígenas do Canadá. Adaptámos a entrevista por eles desenvolvida, e aplicámo-la a dois grupos pertencentes à cultura urbana ocidental. Correlacionámos a estratégia (Essencialista ou Narrativista) adoptada para a resolução do Paradoxo da Igualdade em Mudança, com o modelo de Vinculação que estes participantes demonstravam, e percebemos que a escolha da estratégia e o nível de complexidade associado não são totalmente determinados pela cultura em que os indivíduos estão inseridos. A capacidade de exploração, aspecto que um modelo de vinculação seguro favorece, indica-nos que a mudança é-nos também inerente. Torna-se assim cada vez mais evidente, a necessidade de reformular as teorias da identidade, onde ainda é muito presente a associação da mudança individual como um momento de crise e incapacidade de compromisso.

Palavras-chave: Persistência Pessoal; Mudança; Vinculação.

Dissertation Title: “Am I really all the things that are outside of me?”

– Correlation study about Personal Persistence and Attachment.

Abstract

Feeling the need of global understanding of what is to be individually recognized in our post-modern society, where change is valued, we tried to understand what kind of personal persistence guarantees two different groups adopted (one group of college students and a group of teachers). We used the personal persistence interview that Chandler et. al (2003) developed in a study, where the main goal was to understand why suicide taxes were so high among the native groups in Canada. We adapted this interview and applied it on our participants, all pertaining to the Western urban society. The strategy (essentialist or narrativist) used to solve the paradox of sameness within change was correlated with the attachment model that our participants revealed and the results showed us that the culture isn't the only responsible when we choose what kind of strategy and the level associated to it, to solve our personal persistence problem. The ability of exploration is one of the aspects that a secure base model allows. So it seems natural that we have to see change as an aspect of our identity and not as moment of crisis or as the inability to compromise.

Key-words: Personal Persistence; Change; Attachment

Índice

1. Introdução	1
1.1. Enquadramento teórico	3
Identidade antes de Erikson: algumas noções psicanalíticas	4
Erik Erikson: primeira abordagem psicossocial da Identidade	5
A operacionalização da teoria de Erikson desenvolvida por James Marcia: Novos conceitos de identidade	7
Perceber o Paradoxo da Igualdade em Mudança: “A nossa obrigação contemporânea”	20
Teoria da Vinculação de John Bowlby	29
Identidade e Vinculação: Duas linhas paralelas que finalmente se cruzam	33
As etapas do desenvolvimento psicossocial de Erikson e suas ligações ao modelo Vinculação.....	35
- Problema	38
1.2. Hipóteses	38
 2. Método	 38
2.1. Participantes	38
2.2. Instrumentos	39
2.2.1. Inventário de Depressão de Beck	39
2.2.2. Inventário de Ansiedade Estado e Traço	39
2.2.3. Entrevista de Persistência Pessoal de Chandler	40
2.2.4. Análise de narrativas sobre as representações da vinculação	45
2.3. Procedimento	47
2.3.1. Grupo dos alunos universitários	47
2.3.2. Grupo dos professores do 2º e 3º ciclo do ensino básico	48
2.3.3. Análise e cotação dos dados recolhidos	48
 3. Resultados	 49
Tabela nº2 – Normalidade das variáveis	49
3.1. Estatísticas descritivas das variáveis em estudo	50

Tabela nº3 – Médias e desvios padrão das variáveis em estudo	50
3.2. Diferenças entre os grupos e entre gêneros nas variáveis em análise	50
Tabela nº4 – Diferenças de médias e de percentagens entre os dois grupos (professores e alunos)	51
Tabela nº5 – Diferenças de médias das variáveis entre os gêneros	52
3.3. Análise de correlações entre as variáveis em estudo	53
Tabela nº6 – Correlações entre as variáveis	54
3.4. Relação entre estratégias Narrativistas e Essencialistas e as restantes variáveis.....	55
Tabela nº7 – Estratégia de Peristência Pessoal da dimensão self e as restantes variáveis	55
Tabela nº8 – Estratégia de Persistência Pessoal da dimensão outros e as restantes variáveis	56
4. Discussão/Conclusão	57
5. Referências Bibliográficas	64
6. Anexos	67
Anexo 1 – Materiais.....	67
Anexo 2 - Pressupostos a considerar na cotação da Entrevista de Persistência Pessoal.....	82
Anexo 3 – Cotações das entrevistas de Persistência Pessoal	87
Anexo 4 – Spss: Tabela de correlações	91

1. Introdução

É do consenso teórico psicanalítico, antropológico, filosófico que a identidade do indivíduo está numa construção progressiva, mas esta progressividade tem-lhe inerente a concepção de uma base comum à progressão. Segundo a nossa tradição Essencialista, descendente e irmã da nossa herança Judaico-Cristã, será esta base comum que irá permitir ao sujeito absorver e integrar no seu *self* as experiências que solicitam uma evolução individual.

No agora em que vivemos, em que se herdamos novos conhecimentos e novas experiências recorrentemente, o que caracteriza o que designamos de sociedade pós-moderna é a mudança vigilante, em oposição a uma unicidade permanente, aspecto visto como de outrora.

Esta nossa sociedade actual solicita ao indivíduo, constantemente, a mudança de posturas e que este se adapte facilmente e com sucesso às novidades. Novidades estas que se renovam regularmente e muito rapidamente. Legitimamente, o sujeito “pós-moderno” deve questionar-se onde fica a sua identidade, quando lhe é exigido que encarne diferentes papéis sociais simultaneamente, para depois, de um momento para o outro, viver outros papéis significativamente diferentes dos vividos anteriormente.

Em conjunto com esta mudança presente, declarada, co-existe a dúvida subjacente de como preservamos a identidade de cada um. Como permanecemos únicos, singulares na nossa subjectividade? Haverão sempre traços intocáveis à mudança? Ou o contrário, no caso de conseguirmos adaptar-nos a situações diversas e posicionarmo-nos em diferentes papéis, devemos pôr em causa a coesão do nosso *self*? Ou deveremos simplesmente aceitar a hipótese que nos diz que somos o resultado de diversos e intermináveis factores e que quando estes mudam, nós mudamos com eles sem pormos a nosso sentido de identidade em causa?

Infelizmente não iremos encontrar resposta para todas estas questões, nem é nosso objectivo entrar neste polémico e actual debate. É sim, nosso objectivo perceber como o nosso grupo de participantes se posiciona no que Chandler denominou de Paradoxo da Igualdade em Mudança (Chandler, M., J., Hallett, D., Lalonde, C., E., & Sokol, B., W. (2003). *Personal Persistence, Identity Development, and Suicide: A Study of Native and Non-Native North American Adolescents*. Monographs of the Society for

Research in Child Development. Vancouver.) e perceber se o tipo de estratégias utilizadas se relaciona, e de que forma, com outras variáveis aqui estudadas por nós, são elas: o modelo de vinculação, índice de depressão e ansiedade, idade e género.

Concordamos com Ermann (2004) quando este refere que a ideia de Erikson de um desenvolvimento gradual, que após a crise identitária, que tem lugar na adolescência, se mantém num estado identitário relativamente estável até ao final da vida, dificilmente pode ser conservada nos dias de hoje. Em vez disso, outro aspecto que já se encontrava presente no modelo de desenvolvimento de Erikson, tornou-se predominante – a ideia de um processo com a duração de uma vida. De acordo com as ideias mais correntes, o processo identitário não termina depois de o indivíduo ter passado pela identidade normativa e as crises características deste desenvolvimento, particularmente durante a adolescência e a vida adulta. Perante a oferta de mudança permanente de papéis e possibilidades de interacção, o indivíduo dos dias de hoje está numa crise desenvolvimental contínua. E como tal, o processo de identidade dura toda uma vida e termina apenas quando a vida chega ao fim.

Ainda segundo Ermann (2004), o discurso actual sobre a identidade está também dedicado ao desenvolvimento da identidade, mas mais particularmente, nas interacções iniciais. Conceitos como o sucesso do processo das trocas intersubjectivas mais primárias moveram-se para o centro da teoria de formação da identidade. A questão crucial que surge nesta discussão é se e como é que o sentimento de ser único e separado dos outros, mas simultaneamente relacionado com eles, de uma forma significativa e que dá sentido, pode ser encontrada nestas experiências primárias, ou seja qual será o papel das primeiras interacções, no processo de construção identitário.

Iremos abordar as origens teóricas na investigação do desenvolvimento da identidade, a sua operacionalização e expor as ideias mais actuais que têm surgido nos estudos desenvolvidos nos últimos anos, pois é onde se inserem também as conclusões de Chandler nas quais basearemos parte deste trabalho. Como é nosso objectivo perceber se existe uma ponte que una o paradoxo levantado por Chandler e o modelo de vinculação, isto é, se as primeiras interacções têm um papel activo no processo de construção da identidade, iremos referir as teorias de vinculação desde o seu aparecimento, até aos dias de hoje, onde já foi possível correlacionar dois corpos

teóricos (Vinculação e Identidade), até então entendidos como paralelos mas que afinal foi possível verificar empiricamente a sua convergência

1.1 Enquadramento Teórico

Quando realizamos um estudo sobre identidade deparamo-nos com mais questões que conclusões, tal como aconteceu com outros autores que realizaram estudos sobre o mesmo tema. Partilhamos assim, alguns dos pontos de interrogação levantados por Grinberg & Grinberg (1976): “Qual é a natureza do que chamamos identidade?”; “Será uma estrutura?”; “Será um símbolo?”; “Será um vínculo?”; “Será uma força que mantém a coesão do *self*?”; “Será uma relação entre múltiplas relações?”; “Será um sentimento?

Ao introduzirmos nesta equação múltipla e complexa, a variável natural mudança, aumenta o número de dúvidas. A referência à mudança, quando falamos de identidade, é inevitável, pois o contexto em que crescemos actualmente “é um panorama sumamente complexo, confuso e confusional” (Grinberg & Grinberg, 1976).

Concordamos assim com Gallagher, (1998) quando o autor nos diz que “mudança aparece-nos como uma necessidade de topo, uma realidade. A mudança precisa de ser vista como um aspecto permanente na nossa existência, estando sempre associada à nossa subjectividade” (*in* Chandler, 2003).

Se Grinberg & Grinberg, em 1976, nos falam de um cenário de vida complexo e confusional, justificando-se com o desenvolvimento tecnológico e velocidade de trocas de comunicações, por comparação com os dias de hoje, podemos dizer que em 2009 vivemos o verdadeiro caos comunicacional e, atrevemo-nos a dizer, um novo Big Bang tecnológico, que re-acontece com uma frequência arrebatadora.

Sentimos assim a obrigação contemporânea comum que Fraisse (1963) expressou, “a de perceber como incorporamos, no *self*, a mudança e a permanência, simultaneamente, fixas e em movimento.” Porque “a evolução de cada indivíduo é uma série contínua de mudanças, pequenas e grandes, através de cuja elaboração e assimilação se vai estabelecendo o sentimento de identidade, já que a falta de

crescimento e de mudança equivale à estagnação psíquica e à esterilidade emocional: por outras palavras, à morte psíquica.” (Grinberg & Grinberg, 1976).

Na definição do que é identidade, encontramos alguma unanimidade entre vários investigadores, quanto à complexidade do que é o sentimento de identidade, e que este “depende, não apenas do mundo interno do indivíduo, mas também de uma série de factores sociais e económicos que podem funcionar de molde a facilitá-la ou a dificultá-la” (Grinberg & Grinberg, 1976).

Parece-nos então, pertinente abordar algumas das concepções teóricas sobre a identidade, desde a origem da sua discussão, até às nossas contemporâneas. Sem antes, no entanto, fazermos algumas distinções conceptuais do que entendemos por identidade e *self*, visto que estes dois conceitos, para além de serem constantemente utilizados no desenvolvimento deste estudo, por vezes surgem-nos como fundidos um no outro e referem-se a algo de muito diferente, apesar de inter-ligados.

Identidade antes de Erikson: algumas noções psicanalíticas

Assim, segundo Kramer, 1958: “o sentimento de identidade é o conhecimento da pessoa como entidade separada e distinta dos outros”. Ou ainda, segundo Lichenstein, 1961, “a unidade do indivíduo ao longo do tempo, na comparação consigo próprio.” Para a maioria dos autores, o nascimento do sentimento de identidade surge com o desenvolvimento psicosexual (Greenacre, 1958), em que se destacam nomeadamente dois aspectos, um que incide sobre as semelhanças consigo próprio e o outro, e um outro que sublinha as diferenças específicas, ambos os aspectos advêm da possibilidade de comparação e do contraste com os restantes. Ou seja, “tem identidade, um indivíduo cujas partes componentes estejam suficientemente integradas na organização de um todo, de maneira que produzam um efeito de unidade, e que, ao mesmo tempo, possuía características únicas que permitam distingui-lo de todos os outros” (Grinberg & Grinberg, 1976).

“No *self* estará tudo aquilo que o indivíduo considera seu” (Federn, 1959), e estes “mesmos elementos que entram em jogo para assegurar a semelhança do indivíduo consigo próprio, contribuem para manter a diferenciação de cada indivíduo face aos demais e conferem-lhe o carácter de único. A interacção específica e contínua de todos

estes elementos confere ao *self* um estado de coesão, de base da identidade, que se manterá dentro de certos limites, que poderão experimentar alterações ou perdas em determinadas circunstâncias. Isto sucede inevitavelmente ao longo da evolução (...)” (Grinberg & Grinberg, 1976).

Apesar da importância de Freud na exploração de várias áreas do mundo psicológico humano, o tema identidade não foi aprofundado por este autor, fazendo-lhe apenas referência uma vez em toda a sua obra e com uma conotação psicossocial, referindo-se a “algo de nuclear no interior do indivíduo, que tem relação com um aspecto essencial da coerência interna de um grupo” (Grinberg & Grinberg, 1976).

Erik Erikson: primeira abordagem psicossocial da Identidade

Devemos a Erik Erikson o início do debate sobre esta temática. Pois só podemos concordar com Waterman (1982), quando este realça que “o conceito de identidade construído por Erikson (1963, 1968) tornou-se na ferramenta principal, na compreensão do desenvolvimento da personalidade da adolescência até à idade adulta”.

Na teoria da identidade de Erik Erikson (1963, 1968, 1975), aqui apresentada nas palavras de Schachter (2002): “a identidade é caracterizada como um sentido subjectivo de uma continuidade ou igualdade revigorantes (Erikson, 1968). Este sentido, esta percepção são o sentimento subjectivo de que um indivíduo permanece o mesmo passando por diferentes situações, ao longo do tempo, e que as suas acções e experiências, em diferentes contextos podem estar relacionadas ao mesmo *self*. A formação da identidade é o processo através do qual, o ego, em interacção com o meio social durante a adolescência, reorganiza, sintetiza e transforma várias identificações da infância numa estrutura única. A esta estrutura podemos denominar de “configurador de identidade”. Erikson, quando introduziu este conceito, defendia que partes da organização psíquica se uniam, criando um todo coerente e consistente (1968).”

“O todo a ser alcançado nesta fase, denominei por senso de identidade interna. Os mais jovens, para experienciarem este todo terão que sentir uma continuidade progressiva entre aquilo que acham que se tornaram, desde a sua infância, e aquilo que acreditam ser num futuro antecipado; entre aquilo que concebem que irão ser e aquilo que acham que os outros esperam deles. Falando individualmente, a identidade inclui o

sumário de todas as identificações de idades anteriores, de coisas que a criança queria ser, ou que foi forçada a querer ser, ou ainda forçada a ser, tal como aconteceu com as pessoas de quem depende. A identidade é um produto único, que agora encontra uma crise que é resolvida com novas identificações feitas com os colegas da mesma idade e com figuras importantes de fora da família.” (Erikson, 1968, p.87)

Erikson (1963, 1968), segundo Kroger (2007), propôs que a formação de identidade seria um aspecto fundamental da adolescência e que envolve: “uma rejeição selectiva e uma assimilação mútua das identificações da infância (...) numa nova configuração (...)” (Erikson, 1968, p.159). A formação da identidade para este autor envolve a capacidade para explorar e, eventualmente, realizar-se uma definição da identidade, compromissos psicossociais nos termos de cada um e de acordo com os ganhos biológicos pessoais, necessidades psicológicas e possibilidades contextuais.

Para Waterman (1982), o trabalho de Erikson permitiu a identificação de várias questões do desenvolvimento que poderiam tornar-se o foco de uma crise de identidade, por exemplo: a escolha de uma ocupação que seja reconhecida socialmente e expressiva pessoalmente; o desenvolvimento de uma visão ideológica do mundo que seja digna de um compromisso pessoal. Outra questão envolve os papéis comportamentais “apropriados” associados a cada género e a uma orientação sexual. Também aqui, a tarefa é encontrar modos de expressão que reflectam inclinações intrínsecas e que existam fontes de suporte social suficientes, no meio cultural do indivíduo.

A ausência de uma declaração definitiva dos limites deste conceito construído por Erikson, deixou, segundo Waterman, o problema da sua operacionalização, pois até agora diversos investigadores não conseguiram operacionalizar toda a gama de aspectos, que este conceito abrange. A avaliação instrumental, que tem sido desenvolvida foca normalmente uma combinação dos seguintes aspectos: uma noção clara de definição do *self*; a presença de compromissos que envolvam objectivos, valores e crenças; a existência de actividade direccionada para a implementação de compromissos; a consideração de alternativas numa identidade; a extensão da aceitação do *self*; um sentimento de unicidade; confiança no futuro individual.

Ainda segundo Waterman (1982), esta abordagem tão geral na avaliação, permite que um indivíduo que tenha estabelecido uma noção clara de identidade, não revele qualquer tipo de informação sobre os processos através dos quais os vários

elementos foram desenvolvidos. Ao escrever sobre os processos de desenvolvimento, Erikson (1958) utilizou a distinção de William James entre aqueles que “nascem uma vez” e aqueles que passam por um segundo nascimento, ou que desenvolvem momentos de crise na “moldagem” da sua identidade. A experiência anterior não dificulta a inserção na sociedade. Os indivíduos, designados como aqueles que só nascem uma vez, traduzem as suas identificações da infância nas experiências da vida adulta sem dúvidas sérias ou conflitos. Em contraste, os que nascem duas ou mais vezes, submetem-se a crises de fé ou pressupostos, a partir das quais são formados os seus compromissos na vida adulta, como um acto de escolha pessoal.

Waterman realça que Erikson (1975) enfatizou a presença de diferenças sexuais anatómicas para justificar os comportamentos, o que contradiz as afirmações de que a maior parte dessas diferenças são aprendidas. O autor não postulou processos de desenvolvimento diferentes para os diferentes géneros. Deste modo, enquanto esperarse-ia que predisposições biológicas tivessem o seu papel nas escolhas identitárias, estas mesmas não estariam, necessariamente envolvidas nos processos em que os elementos identitários são seleccionados. Ambos os géneros podem submeter-se a experiências semelhantes de crise e compromisso. Deveria ser reconhecido que qualquer diferença de género, observada nos diferentes estados de identidade, pode ser interpretada como resultante de influências culturais e, não apenas, como o resultado do desdobramento de diferentes capacidades desenvolvimentais.

*A operacionalização da teoria de Erikson desenvolvida por James Marcia:
Novos conceitos de identidade*

Marcia (1966) construiu uma entrevista semi-estruturada para aceder à claridade da identidade pessoal, bem como ao processo que a originou.

Segundo Kroger (2007), Marcia (1966, 1967) propôs que a identidade era expressada através de uma, de quatro distinções qualitativas. Marcia examinou combinações de duas variáveis, exploração e compromisso (exploração e fidelidade eram centrais para o conceito de Identidade de Erikson) e propôs quatro estados identitários: Conquista de uma Identidade, Moratorium, Encerramento (“Closure”) e Difusão.

Para esta autora é importante começarmos a perceber este processo como mais que uma resolução entre um *continuum* que ficará entre o ganho da noção de identidade e uma postura confusional, como Erikson (1963) descreveu.

Os estados de identidade de Marcia, estão definidos baseados em duas dimensões: crises e compromissos. “Crise” refere-se a um período de luta ou activo questionamento ao alcançar aspectos da identidade pessoal, como as escolhas profissionais ou crenças ideológicas. “Compromisso” envolve a afirmação de algo, realizar inabaláveis decisões e participar no implementar de actividades “apropriadas”.

Os indivíduos que se encontram no primeiro estado realizaram importantes compromissos definidores de uma identidade psicossocial, após um período de exploração activa e realização de decisões. Os sujeitos enquadrados no segundo estado, terão efectuado compromissos definidores, mas sem exploração significativa. Estes compromissos são feitos através do processo de identificação e baseados, primariamente, nos valores dos outros significantes. Os indivíduos classificados como estando no estado de encerramento, estão activamente comprometidos no processo de fazer decisões definidoras de uma identidade, embora sem compromissos ainda feitos; os sujeitos difusos mostram um interesse pequeno, ou uma ligeira inclinação para o desenvolvimento pessoal e realização de compromissos, mas com nada que tenha um significado pessoal, papéis ou valores definidores de uma identidade psicossocial.

Para Waterman (1982), alguém que chegou ao status “Conquista de identidade” passou por um período de crise e desenvolveu compromissos relativamente firmes. O termo “Moratorium” é utilizado para referir os sujeitos que estão ainda num estado de crise e estão também ainda a analisar alternativas, numa tentativa de alcançar uma escolha. Uma pessoa classificada como estando no estado de “Encerramento” é alguém que nunca experienciou uma crise, no sentido que Marcia (1966) lhe deu, mas está comprometida a objectivos, valores ou crenças, particulares. Estes compromissos, neste estado específico, reflectem, geralmente, os desejos dos pais ou de outras figuras de autoridade. A categoria “Difusão de identidade” inclui indivíduos que não realizaram compromissos firmes e que não estão a tentar, activamente, fazê-lo. Poderão nunca ter passado por um momento de crise, ou poderão ter tido um período de questionamento mas foram incapazes de o resolver, levando a decisão nenhuma.

Na perspectiva de Eli P. Schachter (2002), Marcia e colaboradores, com a sua teoria de estados de identidade do ego, interpretaram e operacionalizaram o conceito de identidade de Erikson, como uma extensão de um compromisso com uma identidade específica (Marcia, 1966, 1980; Marcia, Waterman, Matteson, Archer & Orlofsky, 1993). De acordo com a sua interpretação da teoria de Erikson, a identidade é marcada pelas escolhas e pelos compromissos pessoais associados a essas escolhas, o que permite um sentimento de coesão, originando também a percepção de igualdade e/ou continuidade. A identidade escolhida torna-se o laço que liga e organiza diferentes aspectos da vida do indivíduo. Preferencialmente, a coesão é ganha após um período de explorações sérias de potenciais identidades alternativas. Alternativamente, a coesão pode ser alcançada pelo compromisso a uma identidade conferida pelos pais, mas após esta exploração. A conquista de uma identidade, analisada pelo paradigma de Marcia, é vista como um grande e importante marco no indivíduo maturo (Marcia, 1980), e os que a conquistam (uma identidade estruturada e definida) referidos como uma “elite” (Matteson, 1993).

Waterman (1982) no seu trabalho de revisão literária, apresenta-nos as várias relações efectuadas entre o corpo teórico proposto por Marcia e as condições que acredita serem antecedentes à formação da identidade.

Variáveis familiares: uma atenção considerável tem sido dada à identificação da natureza das diferenças nas relações familiares e estilos parentais nos vários estados de identidade. Marcia (1980) chegou às seguintes conclusões: os sujeitos que se encontram no estado de *Encerramento* parecem ter as relações mais próximas com os seus pais. Tanto os filhos, como filhas avaliaram os seus pais de forma favorável e descreveram as suas famílias como centradas nas crianças. Os pais dos indivíduos masculinos no estado de *Encerramento* são vistos como possessivos e intrusivos, mas são vistos pelas filhas como encorajadores e apoiantes. Por sua vez, os filhos no estado de *Encerramento* envolvem mais as suas famílias, ou têm esse desejo, na realização de decisões de vida importantes. Contrastando, ambos os géneros, no estado de *Difusão* reportam uma distância grande com a sua família, os pais destes indivíduos foram avaliados como indiferentes, inactivos, ausentes, nada compreensivos e rejeitantes. Os indivíduos de ambos os géneros, nos estados *Moratorium* e *Conquista de Identidade*, foram relativamente críticos dos seus pais e auto-descreveram-se como estando em conflito com as suas famílias. Os filhos nestes estados de identidade afirmaram não

terem em conta a sua família nas decisões de vida importantes. Esta tensão com a família aparece como estando relacionada com uma ambivalência que surgiu no processo de individuação, entre ambos os pais e a criança. Com uma resolução de sucesso de uma crise de identidade, melhores relações familiares tendem a ser estabelecidas. Existem evidências de que, de uma forma geral, a natureza das relações com os progenitores do mesmo género está mais fortemente relacionada com o status de identidade, do que a relação com o progenitor de género oposto.

É uma hipótese atractiva que o comportamento parental contribui para a formação de identidade e, de facto, o padrão de resultados obtidos nas investigações efectuadas, tem providenciado interpretações entre o funcionamento familiar e os vários estados familiares. No entanto, por razões conceptuais e metodológicas, não se pode concluir que as variáveis familiares estudadas influenciem o processo de desenvolvimento da identidade. Na maior parte dos estudos, os investigadores têm se baseado apenas em medidas retiradas de relatos verbais de adolescentes e de respondentes jovens. Estas medidas estão sujeitas a erros de memória, distorção defensiva e a tentativa de causar uma boa impressão no entrevistador. Os mesmos problemas existem com os estudos, em que a informação foi obtida através dos pais.

Características do desenvolvimento: Também tem sido presumido que a fundação desenvolvimental da Identidade do Ego também seja providenciada por outros aspectos do funcionamento do ego que não foram focados por Erikson. Esforços têm sido feitos em relacionar os progressos na formação da identidade e as etapas do Ego de Loewinger, as etapas do raciocínio moral de Kohlberg e as etapas do funcionamento cognitivo de Piaget. Em cada instância, existe a possibilidade de que um certo nível de etapa funcional possa constituir uma condição necessária, mas não suficiente, na adopção de uma trajectória particular na formação da identidade.

No estudo de Kroger (2004), a autora refere que ambos os níveis convencionais de raciocínio moral (Colby et al., 1983), conformidade e consciência do *self* e, ainda os estados do desenvolvimento do ego, têm sido fortemente associados com o estado identitário de encerramento (closure), através de um grande número de investigações; níveis pós-convencionais de raciocínio moral e os estados mais complexos do desenvolvimento do ego (consciência, individualista e autónomo) têm sido mais

frequentemente associados com a conquista de uma identidade definida, ou seja, o ultimo estado na teoria de Marcia (Kroger, 2004).

No entanto, segundo Kroger (2007), os estudos que relacionam fenómenos como a diferenciação *self/outro* (Kegan, 1994), raciocínio moral (Colby et al., 1983) e desenvolvimento do ego (Hy & Loewinger; Loewinger, 1976), demonstraram que o alcance de níveis elevados de complexidade desenvolvimental permanece enganador entre jovens adultos, e que a sua estabilização em níveis menos maduros do desenvolvimento é um lugar-comum, uma banalidade.

Interesses e actividades: os interesses culturais podem contribuir tanto para a criação de crises de identidade, bem como para a sua resolução. A exposição a novas ideias através dos *media* culturais, pode servir para desafiar as perspectivas sobre as quais se foi crescendo, e para sugerir alternativas identitárias mais promissoras, donde se podem formar compromissos.

Waterman (1982) chega à conclusão que, tendo em conta o tempo de desenvolvimento, parece que apenas mudanças limitadas ocorrem antes ou durante os anos de liceu (13/17 anos). Os avanços mais extensos na formação da identidade ocorrem durante o tempo passado na universidade. (Não tem sido efectuada pesquisa suficiente em amostras de indivíduos que não frequentaram a universidade). O período imediatamente após os anos passados na universidade, parece envolver mais uma consolidação do sentido de identidade, que a continuação na exploração de identidades alternativas.

Comparações dos padrões de formação de identidade de homens e mulheres fornecem-nos mais semelhanças que diferenças. Respeitando os processos de desenvolvimento, os géneros mostram, de uma forma geral, probabilidades semelhantes na consideração de identidades alternativas e estabelecimento de compromissos.

Na revisão de literatura desenvolvida por Kroger (2007), encontramos novamente, à semelhança de outros estudos sobre identidade visitados por nós, o levantamento de algumas questões. Uma das dúvidas que a autora levanta, no seguimento dos resultados encontrados, é se será adaptativo o alcance do estado Conquista de Identidade, na idade adulta, pois apenas uma “elite” de indivíduos o apresenta.

Kroger (2007) argumenta que uma das razões para tão poucos indivíduos se moverem para além do complexo de Encerramento e estados de Difusão da identidade, é que estes estados são mais adaptativos durante a adolescência tardia e a vida adulta “jovem”. No entanto, numerosos investigadores encontraram aspectos mais adaptativos associados com estado Moratorium e a posição de conquista de uma identidade, mais que nos estados de encerramento ou de difusão. Waterman (1984) (*in* Kroger, 2007) juntou resultados de vários estudos sobre os estados de identidade.

Aqui estão alguns exemplos de vários aspectos adaptativos associados com o ganho de identidade:

1. Capacidades cognitivas: indivíduos com uma identidade conquistada funcionam melhor em situações de stress e usam mais decisões baseadas na razão, lógica e estratégias planeadas, quando comparados com indivíduos em estados de Difusão ou Closure (e.g., Blustein & Philips, 1990; Boyes & Chandler, 1992; Marcia, 1966, 1967).
2. Desenvolvimento do ego: os indivíduos que conquistaram uma identidade, apresentam os níveis mais elevados de desenvolvimento do ego, quando comparados com outros estados de identidade (e.g., Berzonsky & Adams, 1999; Kroger & Green, 2007).
3. Raciocínio Moral: quem conquistou uma identidade definida, demonstrou, frequentemente, níveis elevados de um raciocínio moral pós-convencional, quando comparado com os estados de Encerramento e Difusão (e.g., Rowe & Marcia, 1980; Skoe & Marcia, 1991).
4. Relações: o possuir uma identidade definida, pode ser mais comprometedor nas relações íntimas e parece ser andrógena nas atitudes em papeis sexuais, quando comparada com os grupos de closure e difusão (e.g., Fitch & Adams, 1983; Kacerguis & Adams, 1980; Orlofsky, Marcia, & Lesser, 1973).
5. Relações familiares: a conquista de uma identidade revela-se em indivíduos mais abeis em perceber forças parentais e fraquezas de todos os grupos identitários e, provêm e famílias que favorecem a individualidade (Campbell, Adams, & Dobson, 1984; Willemsen & K.K. Waterman, 1991).

6. Características de personalidade: indivíduos que conquistaram uma identidade definida usam mecanismos de defesa mais maduros, como o narcisismo adaptativo, mostraram abertura a novas experiências e um locus interno de controlo, contrastando com os indivíduos em estados de Encerramento e Difusão (e.g. Abraham, 1983; Cramer, 1995; Tesch & Cameron, 1987).

Muito poucos aspectos adaptativos foram associados com os estados de identidade de Encerramento e Difusão. De uma forma geral, os indivíduos situados nestes dois estados, demonstraram níveis baixos de raciocínio moral e desenvolvimento do ego, baseiam-se num locus externo de controlo, usam níveis cognitivos baixos em complexidade e as estratégias de processamento de informação são, também baixas em complexidade. Demonstram formas mais estereotipadas de intimidade (Kroger, 2004). Indivíduos no estado de Encerramento demonstraram atitudes com uma autoridade elevada, níveis relativamente altos de auto-estima. No entanto, de uma forma geral, não é razoável afirmar que uma maior vantagem adaptativa esconde-se atrás de uma estabilização em estados menos maduros da formação da identidade (Encerramento e Difusão), durante e depois da adolescência tardia, nos contextos ocidentais.

Schachter (2002) colocou a questão da formação da identidade de outra forma:

Quais são os requisitos estruturais, em oposição aos requisitos de conteúdo, que os indivíduos consideram essenciais ou fundamentais para a configuração de uma identidade, de forma a classificá-la de aceitável ou de inaceitável? O autor denominou este requisitos de “constrangimentos de identidade”, pois estes podem ter a função de limitar opções possíveis de identidades percebidas. Schachter exemplifica desta forma: a procura de um sentido de consistência pessoal pode ser vivida como constrangimento estrutural, se tivermos em conta conteúdos específicos como ser Democrata ou Republicano, ou Homossexual, Bissexual ou Heterossexual.

Este autor prefere o termo constrangimento a requisito, pois constrangimento implica que os indivíduos no processo de construção da sua identidade tenham exigências estruturais em consideração, não que estes critérios vão, categoricamente, afirmar ou desclassificar uma identidade específica. É, também importante, realçar que nenhum pedido está a ser feito no que se refere às derradeiras origens destes constrangimentos, isto é, se a origem é de ordem psicológica ou cultural.

Compreender as percepções implícitas dos indivíduos do que estes consideram uma “boa” identidade habilita-nos a perceber estratégias de formação da identidade e, conseqüentemente, perceber a estrutura da configuração final. A tentativa de tornar visíveis estas estratégias segue a abordagem de Grotevant (1987, 1997), na qual enfatizava a análise do processo da formação de identidade, chamando a atenção para a compreensão do que causa a transição no desenvolvimento da identidade, através da análise de estudos de caso (Kroger, 1993; LaVoie, 1994). Schachter afirma que assim é-lhe possível examinar, de forma crítica, a hipótese implícita no paradigma de Marcia, nomeadamente, que a escolha de uma identidade entre as alternativas, significa o compromisso a uma escolha, que implica a supressão das alternativas não escolhidas, de forma a alcançar consistência e a oclusão deste processo, é a estratégia preferida e exclusiva de identidades com uma formação madura.

De forma a estudar estas questões, Schachter, examinou a resolução no processo de formação de identidade individual, a partir do conflito pessoal/social. O conflito pode, potencialmente, mover a questão da consistência interna para a primeira linha desta discussão e criar dificuldades na formação de uma identidade coerente. Assim, o autor escolheu examinar o processo de formação de identidade entre jovens que lidavam com um assunto específico, que se sabe ser potencialmente contributivo ao conflito dentro do grupo cultural. Especificamente, o autor estudou o conflito emergente que põe frente a frente a religião e desenvolvimento sexual entre indivíduos judeus.

Para os propósitos deste estudo, Schachter definiu uma “boa identidade” como aquela que os entrevistados desejavam adoptar, ou aquela que consideravam atractiva e merecedora de apreciação. Contrariamente, uma “má identidade” ficou definida como aquela que os sujeitos tenderiam a rejeitar, ou que tivessem sérias reservas em adoptá-la.

Foram considerados quatro critérios estruturais, na decisão dos entrevistados do que seria uma boa ou má identidade.

1. Identidade deve permitir uma percepção de consistência, igualdade e continuidade
2. Identidade deve incluir todas as identificações significativas
3. Identidade deve permitir um reconhecimento mútuo
4. Identidade deve permitir sentimentos de autenticidade e vitalidade

Das muitas conclusões que o autor alcançou, realçamos:

As descobertas apresentadas por Schachter, demonstraram que alguns sujeitos sentem que uma boa identidade pode, de facto, ser construída numa configuração complexa de tendências opostas.

Outro aspecto que Schachter enfatiza no seu estudo é a importância da conceptualização da identidade como uma configuração, realizada por Erikson. O conceito de uma configuração sugere um balanço dinâmico entre os vários componentes. Esta conceptualização permite-nos uma possibilidade teórica de um indivíduo maturo que tem diferentes e, possivelmente, conflituosas identificações, sem que tenha que escolher entre elas. Esta possibilidade não está patente na teoria dos estados de identidade do ego.

A maior parte dos seus entrevistados realçou a importância em não renunciar às identificações significantes, e não o fazem no espírito pós-moderno da celebração de uma mão-cheia de multiplicidades (Glass, 1993).

Para Schachter, a situação social, retratada nas narrativas, serve para sublinhar a importância em caracterizar os diferentes constrangimentos e perceber o efeito recíproco entre eles.

Os constrangimentos identificados, relacionados com a necessidade de incluir todas as identificações significativas e/ou significantes é do particular interesse do autor. Apesar de Erikson mencionar que “a identidade final inclui todas as identificações significativas” (1968, p.161), este constrangimento na formação da identidade ou foi ignorado, ou mesmo desvirtuado. A vontade de nos agarrarmos às várias identificações foi caracterizada, por várias vezes, na literatura psicológica como imaturo ou mesmo como contra a natureza humana.

William James (1890/1950) já alertara para a impossibilidade de actualização de múltiplas identificações, chegando mesmo a concluir que a actualização da identidade exige que se seleccione “o mais verdadeiro, o mais forte e o mais profundo self” e se renuncie e se suprima tudo o resto.

A teoria de James Marcia vai ao encontro das ideias de William James, pois afirma que para se “alcançar uma identidade temos de abandonar possibilidades fantasiadas de múltiplos estilos de vida” (Marcia, 1980, p.160) (*in* Schafter, 2002).

O importante neste estudo é reconhecer que de acordo com o modelo dos estados de identidade do ego, a supressão é considerada um requisito óbvio e natural na conquista de uma identidade, ficando a necessidade de o explicar. A necessidade óbvia e natural em escolher, de forma a actualizar a identidade como William James menciona, é questionável mesmo entre os jovens religiosos. Reconhecendo a aspiração para incluir todas as identificações significativas nas suas identidades pode levar os indivíduos a escolher ou criar uma configuração de identidade, mais que a normativa singular da conquista de identidade.

O modelo do balanço moral de Nisan (1990), que mais tarde foi prolongado por Horenczyk e Nisan (1996), de forma a incluir a identidade étnica também, mostra-nos como os adolescentes manejam identidades diferentes e conflituosas, ao longo do tempo, e como escolhem actualizar certas identidades em situações específicas e outras identidades noutras situações. Neste modelo, que se foca na escolha moral num momento ou situação particular, escapa o complexo balanço que os indivíduos encontram entre duas identidades, ao longo do tempo (*in* Kroger, 2007)

No trabalho de Kroger (2007) encontramos outras propostas teóricas para responder à questão de como ocorre o processo de formação de identidade. Uma delas, é a proposta de Whitbourne (1996), baseada no pensamento piagetiano (Piaget, 1977), mais especificamente, nas noções piagetianas de assimilação e acomodação, onde apresenta formas através das quais as experiências de identidade presente e passada são processadas.

Para Whitbourne (1996), a assimilação da identidade será a interpretação de eventos relevantes para o sentido de identidade actual – o esquema cognitivo e afectivo que presentemente envolve o *self*. A assimilação identitária, segundo Whitbourne, envolve distorção de factos que são inconsistentes com o sentido de identidade presente. Apresenta-se sob várias formas, incluindo a auto-justificação, a projecção de identidade (ver nos outros os sentimentos inaceitáveis para o próprio), rigidez defensiva e a falta de

insight. Todos estes tipos de assimilação identitária operam no sentido de proteger a existência de atribuições positivas do *self* e a sua posição actual na identidade do indivíduo.

As formas de acomodação na identidade, envolvem, por contraste, mudanças no esquema cognitivo e afectivo de cada um, alterando a forma como o indivíduo se vê e onde se insere no contexto social e cultural. Deste modo, uma avaliação mais realista das forças e limitações da identidade individual fica incluída no processo de acomodação identitária. Processos como o auto-questionamento, a exploração de novas alternativas, realização de decisões identitárias importantes e o ser sensível a sugestões novas internas ou contextuais, são exemplos de acomodação identitária.

De acordo com o pensamento Piagetiano (Piaget, 1977) e as sugestões de Whitbourne (1996), Kroger (2007) assume que o indivíduo luta constantemente por um sentido de equilíbrio identitário. Ao confrontar-se com experiências novas, o indivíduo irá usar ou a assimilação identitária ou o processo de acomodação, para conseguir restaurar o *equilibrium* identitário, ou simplesmente irá falhar ao enfrentar informação desequilibrante para a sua identidade.

Para Kroger (2007), associou-se a ideia de estabilidade identitária ao processo de assimilação, ou ao seu fracasso ao nível da percepção, e a mudança no status de identidade associou-se ao processo de acomodação. Ou seja, ou ocorre a distorção de informação discrepante com a identidade por assimilação identitária, ou simplesmente se falha na sua percepção, e desta forma permanece-se estável na posição identitária actual, mantendo-se o *equilibrium*; ou então, em alternativa, considera-se as várias alternativas possíveis via acomodação, que eventualmente irá resultar num novo estado de *equilibrium* identitário. Mas é preciso não esquecer, que vários factores individuais (aspectos da personalidade, forma de construção de significados, etc...) vão intervir na escolha pessoal entre processos de assimilação ou acomodação, quando perante potenciais eventos desequilibrantes. A preferência pela assimilação poderá ser demonstrada no evitamento deste tipo de eventos. A preferência pela acomodação poderá ser demonstrada ao ser-se aberto a novas situações e a experiências de vida, que possivelmente irão mudar os compromissos que, até então, definiam a identidade, resultando num novo esquema identitário.

Os adultos quando comparados com os jovens, têm mais escolhas, pois já tiveram vários tipos de experiências de vida, já estiveram expostos a um maior número de *settings*, no entanto, os adultos irão escolher, com maior probabilidade que os mais jovens, experiências que confirmem a sua estrutura identitária. De facto, do trabalho retrospectivo efectuado por Kroger e Haslett (1987; 1991) que se focou no desenvolvimento do status de identidade em adultos de meia idade, verificou-se maior número de transições para o status de Conquista de identidade na faixa etária dos 15 aos 24 anos, que na faixa etária dos 25-34 anos ou na faixa etária dos 35-44 anos. Uma razão que pode explicar esta baixa incidência, na adolescência tardia poderá ser que os indivíduos nas idades dos 25 aos 34 anos, ou dos 35 aos 44 anos, estão menos susceptíveis a experiências potencialmente desequilibrantes da sua identidade, escolhendo circunstâncias de vida que confirmem a sua estrutura identitária. Qualquer ruptura identitária é mais provável acontecer, através de processos de assimilação identitária ou por falhas perceptivas, que por acomodação.

Kroger (2007) debruça-se também sobre os factores que poderão levar à transição para o estado “Conquista de Identidade”. E, na revisão de literatura que realizou depreendeu que a prontidão, ou a capacidade de experienciar conflito (*disequilibrium* identitário) tem sido, de uma forma geral, associada a um aumento da exploração e/ou alcance de uma identidade.

No trabalho de Kroger & Green (1996) (*in* Kroger, 2007), verificou-se que a exposição a novos contextos e a processos de mudança interna, eram dois tipos de acontecimentos, mais comumente ligados à transição de um status menos maturo (“Encerramento” e “Difusão”) para status mais maduros (“Moratorium” e “Conquista de identidade”).

O trabalho longitudinal de Antis (2002) (*in* Kroger, 2007), explorou o impacto de eventos de vida stressantes na exploração da identidade e variabilidade de compromissos. Os seus resultados mostram que este tipo de eventos estão associados a um aumento na exploração de identidade, ao longo do tempo, mas também a um decréscimo nos compromissos identitários realizados.

Kunnen & Wassnick (2003) (*in* Kroger, 2007) também olharam para o conflito como o gatilho potencial de mudança. Organizaram diferentes escalões no processo de acomodação identitária; mais tarde Kunnen (2006) (*in* Kroger, 2007)

levantou a hipótese que o conflito num domínio específico de identidade leva a um aumento da exploração, mas a um decréscimo na formação de compromissos e a uma mudança nos conteúdos dos compromissos já existentes, desse mesmo domínio.

Kroger (2007), apresenta-nos também a investigação levada a cabo por Cramer (2004), donde este retirou a conclusão que as circunstâncias de vida particulares, quando percebidas como desequilibrantes, têm a força de desencadear um processo de exploração e uma mudança no status de identidade. Os factores da personalidade, no entanto, podem ser associados às preferências pelos processos de acomodação ou de assimilação identitárias. Do trabalho de Cramer (2004), retira-se também, que o suporte ambiental está ligado às respostas com origem na acomodação identitária e a uma adaptação óptima.

Kroger (2007) continua ao longo do seu levantamento teórico a colocar questões que até então os estudos não conseguem responder. Como é o caso da seguinte:

Poderá a ideia de que os estilos de vida, ou os ambientes com níveis altos ou baixos de “desafios acomodativos”, ser útil no entendimento do porquê a transição para um status de “Conquista de identidade” ser tão enganador por tantos anos?

A autora crê que sim.

Num estudo que efectuou (Kroger & Haslett, 1987, 1991), concluiu que as mulheres que escolheram estilos de vida com níveis baixos tanto de estimulação, bem como de desafios acomodativos, tinham maior probabilidade de se inserirem no status de “Encerramento” durante a sua vida adulta. No entanto, mulheres que tinham escolhido estilos de vida com níveis altos de estimulação e de desafios acomodativos, tinham associada uma maior probabilidade de alcançarem o status de “Conquista de Identidade” durante a vida adulta. Portanto, a transição para uma “Conquista de identidade”, pode estar associada a escolhas de estilos de vida ou a contextos com níveis elevados de estimulação e “desafios acomodativos”, bem como a uma preferência por respostas provenientes da acomodação identitária, na adaptação a potenciais circunstâncias desequilibrantes.

Contudo, é crítico questionar-se o que envolve as escolhas de estilos de vida, os seus contextos e a preferência por este tipo de desafios. Contextos variam consoante

o grau de desafios acomodativos, e dentro de limites gerais, os indivíduos irão escolher o tipo de contexto de vida, em que entram logo na sua adolescência tardia, segundo nos dizem a maior parte dos estudos. Características da personalidade, tais como a abertura a novas experiências, locus interno de controlo, identificações adaptativas, auto-eficácia, estilo de vinculação segura e níveis altos de resiliência egóica, podem estar relacionados com a preferência por respostas acomodativas identitárias, e com o desejo de estabelecer-se neste tipo de estilo de vida, com tudo o que o envolve.

Apesar desta longa apresentação das teorias actuais que se debruçam sobre a formação da identidade, nelas encontramos representadas uma parte da problemática que queremos debater, é ela: como a mudança pode coexistir com a coesão de um sentimento de identidade sem o prejudicar. É esta a “obrigação contemporânea” (Fraisse, 1963) de que falávamos no início desta exploração teórica.

Dizemos nossa problemática, mas esta está também presente nos vários corpos teóricos que aqui referimos. A variável mudança existe em todos eles.

Perceber o Paradoxo da Igualdade em Mudança: “A nossa obrigação contemporânea”

Iremos agora apresentar o trabalho iniciado e desenvolvido por Chandler e seus colaboradores (2003), onde este autor expõe o paradoxo que contrapõe continuidade, igualdade (valores que atravessam todas as teorias sobre identidade e sobre o funcionamento psicológico individual) e mudança. O Paradoxo da Igualdade em Mudança.

Chandler e seus colegas desenvolveram esta temática, na consequência de uma investigação solicitada pelo governo canadiano, no sentido de perceber o porquê das taxas de suicídio nas comunidades indígenas ser muito superior ao das comunidades urbanas, do mesmo país. Verificou-se que as estatísticas elevadas de suicídio, associadas às comunidades indígenas estavam relacionadas com dificuldades que estes indivíduos tinham em harmonizar na sua identidade as suas origens indígenas e alguns aspectos e/ou comportamentos sociais/culturais da comunidade urbana em que estavam inseridos, sem que isso perturbasse a sua persistência pessoal.

Chandler et., al. (2003) diz-nos que a dificuldade de resolução deste paradoxo reside no facto de que na ameaça de não sermos reconhecidos como ou com um *self*, temos de, pelo menos, satisfazer duas condições:

1. Os *selves* são obrigados a moverem-se ou morrem, ou seja, têm de, continuamente, mudar.
2. Os *selves* têm, de certa forma, permanecer iguais, para que noções como a de responsabilidade moral e capacidade de compromisso no futuro não se tornarem esvaziadas de sentimento.

O autor afirma ainda, que para compreendermo-nos a nós e/ou aos outros como contínuos não é um aspecto que se possa eleger ou descurar, tem de ser percebido como uma condição fundamental da existência actual. A problemática reside na necessidade de reconciliar a “igualdade na mudança constante”. Existe uma relação entre os esforços colectivos e individuais para adquirir um sentido prático de continuidade do *self* e de uma identidade duradoura.

Persistência surge como fundamental na constituição do que se entende, vulgarmente, como o *self*.

Mudança aparece-nos como uma necessidade de topo, uma realidade. A mudança precisa de ser vista como um aspecto permanente na nossa existência, estando sempre associada à nossa subjectividade (Gallagher, 1998).

Se nada em nós permanecesse o mesmo, de forma a garantir uma re-identificação de confiança, então a “vida”, como a vulgarmente a compreendemos, simplesmente não teria um significado longínquo.

Segundo vários autores a continuidade do *self* deve ser entendida como um aspecto impossível de erradicar da personalidade e da identidade. Para Locke (1956), o *self* pode ser entendido como o mesmo elemento pensante em diferentes tempos e sítios. Cassirer (1923) vai ao encontro desta perspectiva ao afirmar que o *self* será a “Unidade Temporal”. Partilha da mesma abordagem Chisholu (1971), quando define o *self* como uma persistência intacta (*in* Chandler et. al., 2003). Estes autores acima mencionados, parecem todos concordar no facto de que para sermos reconhecidos como somos (com a nossa identidade), existe algo que tem de permanecer igual ao longo da nossa existência.

Para Chandler, cada um de nós precisa de ser compreendido como temporalmente persistente, pois se não nos vemos, e aos outros, com a mesma identidade individual contínua no tempo, então a vida social, como a percebemos, não evoluiria. As referências passadas criam uma continuidade do *self* perante imperativos morais, políticos, legais e económicos (Whittaker, 1992).

Podemos concordar com Barkthein (1986), referido por Chandler et. al., 2003, quando este afirma que existe uma construção com “restos do passado, mas também rudimentos e tendências do futuro – rudimentos que oferecem um sentido à vida de cada um, uma direcção para o que ainda não somos.”

Mas, tal como MacIntyre (1984) defende o “*self* está sempre numa busca perpétua”, donde que o passado e o possível surgem como modalidades na sua construção (Odus & Capps, 1997) (*in* Chandler et. al., 2003).

Encontramos para este paradoxo da “igualdade em mudança” duas posições diferentes: Essencialismo e Narrativismo.

Para os narrativistas a solução genérica, para a problemática da persistência pessoal, é enfatizar o laço unificante entre as coisas, preferindo esta posição a imaginar a existência de qualquer aspecto imune ao tempo, duradouro. Aqui encontramos uma preferência pelo processo em detrimento da estrutura, a ênfase é colocada mais no aspecto relacional e menos nos aspectos individuais. O *self* é compreendido, pelos narrativistas, como aquilo que dá corpo às narrativas de vida (Spencer, 1982). O *self* será persistente ou duradouro consoante o grau de coerência e permanência no tempo destas mesmas histórias de vida.

Para Chandler e seus colaboradores (2003), os narrativistas possuem uma visão do que engloba o *self* como algo aproximado a um centro de gravidade narrativa, em que as identidades ficam aproximadas de uma consciência de processos e afastadas do que poderia ser entendido como um teste de resistência à mudança.

A ênfase é colocada no todo ou na visão de que os *selves* serão mais como uma rede ou um padrão relacionado diacronicamente, e as identidades são vistas como descendentes de um processo de sensibilização e não como um teste de durabilidade. Apesar das diferentes opiniões existentes dentro do Narrativismo, os vários teóricos concordam que “é no contar das nossas histórias que damos a nós mesmos uma

identidade” (Ricoeur, 1985, p.214), isto porque, nada de grande importância sobrevive ao tempo de forma que possa, efectivamente, garantir ou exigir uma continuidade no *self*, ou uma persistência pessoal, sem aquilo a que Flanagan (1996) chama de “connectedness” narrativa (Chandler et. al., 2003)

O contar as histórias é o “género essencial” (Flanagan, 1996), ou “natural” (MacIntyre, 1984) ou “língua nativa” (Weintraub, 1975) do *self*, ou pelo menos, representa a nossa melhor e mais privilegiada forma de lhe dar voz (Kerby, 1991).

Se encararmos estas duas perspectivas como formas opostas de posicionamento teórico no que se refere à problemática da igualdade em mudança, o Essencialismo será a posição inversa do Narrativismo.

Encontramos associada à abordagem Essencialista a ideia de unicidade, unicidade esta que é entendida como persistente, intemporal e resistente ou imune à mudança.

A resistência do Essencialismo à mudança baseia-se numa concepção que se centra na ideia de uma estabilidade comum, partilhada entre seres pertencentes a uma mesma espécie ou comunidade. Facilmente ligamos a esta estabilidade às noções de alma, ego, espírito ou mesmo Adn, dependendo do prisma que adoptamos. William James (1891) descreveu-a como: “fica por detrás dos estados de passagem de consciência e das nossas maneiras sempre renováveis de ser”

Esta estabilidade intocável torna qualquer mudança ilusória. Não a nega, mas não deixa à mudança de alterar nada de significativo.

As soluções essencialistas para o problema da persistência pessoal tendem a favorecer posições metafísicas, que se inclinam mais para o analítico que o holístico (Norenzayan, Choi, & Nisbett, 1999); o paradigmático e proposicional, como oposição ao discursivo e histórico (Brunner, 1986); o universal ou transcendental, em contraste com o local ou indígena (Habermas, 1985). Esta estratégia tem como ambição favorecer a verdade (valor), mais que a sinceridade (comportamento) (Lighfoot, 1997), e tem como compromisso a forte alegação que todos os objectos – *selves* incluídos – possuem, necessariamente, um aspecto eterno de igualdade persistente, algum centro material ou transcendental não atingido pelo tempo, uma mancha permanente, que confronta o

tempo (Shalom, 1985) e que de algum modo, é imune à mudança (Brockelman, 1985) (*in* Chandler et. al., 2003).

Para Chandler (2003), o Essencialismo reconhece que o tempo e tudo o que contém, constantemente escolhe, de entre as várias ameaças a qualquer tipo de identidade, que cuidadosamente costurámos. No entanto, geralmente bem antes da ameaça de nos tornarmos completamente dissociados, permanece algo que apresentado como um centro essencial, persistente que forma a fundação da nossa identidade e através do qual começamos o trabalho de costura da manga emaranhada dos nossos *selves* persistentes. Assim, os essencialistas, normalmente, colocam o peso, a importância no suporte da igualdade, descontando na mudança, vendo-a como mera ilusão.

Apesar das diferentes perspectivas, ambas as abordagens parecem concordar que é “no contar das nossas histórias que nos damos a nós próprios uma identidade” (Ricoeur, 1985). Será este “nosso contar” que nos dá sentido, o que nos torna compreensíveis para nós e para os outros, o que nos imprime padrões, na mudança e no tempo.

Uma das dicotomias presente na discussão deste paradoxo da “igualdade em mudança” será a do Individualismo vs Colectivismo. Esta dicotomia caracteriza culturas e indivíduos, mas tem em conta apenas o aspecto cultural, que é um argumento enganador e pouco objectivo para a compreensão de um grupo, massa social. Para Chandler será um sistema singular de controlo, que se foca exclusivamente em atitudes ou valores, descurando a importância da expansão destes aspectos nas práticas dinâmicas e nos processos mentais associados. A sobrevivência desta dicotomia, segundo o mesmo autor, depende da utilização de métodos que, apenas tenham acesso a um conhecimento declarativo do si próprio, e que falham no contacto com as competências formadas no núcleo cultural, para além de tornar perigosamente próxima a minimização cultural em favor do determinismo cultural.

Para Kagitcibasi (1996) (*in* Chandler et. al., 2003): o “Individualismo é encarado como parte, ganho da modernidade com os seus valores modernos associados; enquanto o colectivismo é encarado como o formato tradicional de uma ideologia conservadora.

No entanto, seria despropositado encararmos estas duas posições como desassociáveis ou intocáveis nos aspectos que defendem, pois os diferentes grupos sociais e culturais a que o indivíduo se alia ao longo da sua vida, por mais diferentes e afastados, que sejam, disponibilizam sempre aos seus membros contingentes culturais e/ou estratégias de construção e preservação do *self*, ao longo do tempo (Chandler, 2003).

Encontrámos na nossa pesquisa literária outras discussões actuais às quais estão associadas estas duas posturas sobre as quais nos estamos a debruçar no nosso estudo. Associada a esta dicotomia Individualismo vs. Colectivismo, pensamos não ser possível dissociar o debate que reflecte e contrapõe o pensamento moderno e o pós-moderno, ainda para mais quando este nos leva a questionar as práticas e mesmo a ciência psicológica que estamos a produzir. É no estudo apresentado por Jack Martin and Jeff Sugarman (2000) que encontramos melhor espelhada esta discussão.

Para estes autores o debate sobre este tema é da maior pertinência, pois neste ponto da História, muitos académicos já não subscrevem totalmente, duas das ideias de base, que tradicionalmente, formaram uma grande parte do pensamento do mundo ocidental, desde o Iluminismo. Uma destas ideias defende que os humanos têm uma natureza pré-determinada, fixa que determina a sua existência através de períodos históricos e contextos socioculturais. A outra ideia base diz-nos que os seres humanos são capazes de atingir uma “verdade” progressiva na compreensão deles mesmos e do mundo, uma compreensão que confia numa crença e acções racionais, mesmo quando falamos de desenvolvimento e mudanças colectivas ou individuais (Martin & Sugarman, 2000).

Estes autores partem da consideração básica que apesar dos seres psicológicos terem a sua origem no meio sociocultural que os envolve, não poderão mais ser reduzidos às suas origens biológicas e socioculturais, mesmo que continuem a ser afectados pelos seus corpos biológicos e pelos contextos e práticas socioculturais, nas quais estes indivíduos vivem e agem. As experiências psicológicas destes seres não são isomórficas com os constituintes socioculturais passados e presentes, tal como os construcionistas pós-modernos alegam, nem podem ser reduzidas ou equacionadas aos processos neurofisiológicos, biológicos que, sem qualquer dúvida, os suportam. (Martin & Sugarman, 1999).

As questões que os autores deste estudo colocam e que nós partilhamos é se “Será possível imaginar um cenário para o desenvolvimento humano, que tenha o aspecto mudança incluído e que não tenha um “foundationalist” ou considerações essencialistas fixas?”. “E se é possível desenhar (um cenário), que defenda formas limitadas de realismo, subjectividade e uma garantia de compreensão, necessária para preservar uma prática e investigação racionais na psicologia e educação?”(Martin & Sugarman, 2000).

Martin & Sugarman (2000): “O que antes poderá ter sido considerado como universal, uma essência intemporal na singular psique humana é agora revelado como estando engolido, incorporado, necessariamente e sem forma de escape, em contextos históricos e socioculturais (Rorty, 1989, 1990). Parecendo certo que a “essência” e o seu *status* se tornaram mais um problema de contingência que uma necessidade transcendental.”

Muitos dos autores do pós-modernismo têm vindo a tentar desafiar, chocar os leitores e suas assumpções sobre fundações, realidade e generalizações. Acreditamos, juntamente com Martin & Sugarman (2000), que existem bons motivos para o fazerem. Na área do desenvolvimento infantil, para além do reconhecimento, que está em crescimento, que as crianças, e aqui arriscamos acrescentar todos os indivíduos em qualquer etapa da sua vida, são diferentes, particulares e irregulares, a concepção moderna de que a natureza das crianças é progressiva, regular e universal continua a dominar as teorias e práticas psicológicas e educacionais.

A pertinência de acrescentarmos as ideias de Martin & Sugarman (2000) na nossa revisão literária reside no facto de acharmos de extrema importância que estudos que envolvam a temática identidade tenham também incluída a mudança como característica inescapável do desenvolvimento da identidade, bem como de outras entidades associadas ao comportamento humano, senão de quase toda a Psicologia que encara o indivíduo de forma essencialista. Acreditamos assim, que a discussão apresentada por estes autores justifica a operacionalização que Chandler efectuou do paradoxo da Igualdade em Mudança, bem como a sua futura utilização em estudos a desenvolver, pois será da maior relevância perceber como a História Essencialista tem vindo a influenciar a forma como vivemos e nos pensamos.

No entanto, não faz parte das intenções de Chandler arbitrar a competição entre estas posições metafísicas. O objectivo de Chandler, ao abordar este redemoinho de opiniões divergentes, é o de construir uma lista mais inclusiva de opções disponíveis ou alternativas procedimentais (Overton, 1998, p.112), onde os indivíduos ou mesmo comunidades inteiras se possam incluir e a partir daí estabelecer estratégias padrão por omissão, tornando possível e facilitando o trabalho de resolução do paradoxo de igualdade em mudança.

Chandler, 2003: “As soluções estratégicas, Essencialismo e Narrativismo, servem como modelos no esforço empírico em explorar e caracterizar como os indivíduos e comunidades resolvem, actualmente, o paradoxo de igualdade em mudança.”

Quando Chandler enfrentou a tarefa de retirar das teorias essencialistas e narrativistas algo concreto, de forma a classificar e operacionalizar respostas ao paradoxo de igualdade em mudança, encontrou para o essencialismo, respostas como “a minha personalidade” ou “a minha alma”, ou seja, todas as respostas que tenham subjacente a ideia de que o que garante a persistência pessoal é algo que, com sucesso, se conseguiu esconder do tempo; no fundo estes participantes, para responder, colocam a si mesmos a pergunta “O que é que nunca muda?”.

Para Chandler, o Narrativismo tem por detrás, uma suposta habilidade em tirar sentido da mudança e do tempo, extraindo padrões de eventos que não têm em si, necessariamente, uma ordem teleológica. Defende a existência de um relato contínuo entre dados, fundamentalmente, descontínuos (Freeman, 1984, p.10).

Outra questão que Chandler levanta é se a forma como perspectivamos a persistência do nosso *self* abrange a forma como olhamos a persistência dos outros, das pessoas mais velhas que nos rodeiam, das pessoas de outras culturas... Chandler (2003): “Utilizaremos estratégias mais ou menos complexas de racionalização do paradoxo de Igualdade em Mudança, quando falamos da nossa própria vida? Terá a familiaridade algum papel nesta questão, ou a distância pessoal ao problema realçará o melhor das nossas qualidades analíticas?”. Segundo Chandler a forma como respondemos à questão da persistência pessoal, no que se concerne à nossa própria vida e à vida dos que nos rodeiam, está relacionada. No seu estudo, verificou que a maior parte dos participantes

responde com o mesmo tipo de estratégias quando questionados sobre as suas continuidades pessoais e das dos outros.

Uma tipologia das garantias de continuidade alternativas (Chandler et. al, 2003)

Estratégia Essencialista – <i>selves</i> como entidades duradouras	Estratégia Narrativista – <i>selfhood</i> como uma estrutura relacional
Nível 1: Relatos de inclusão simples	Nível 1: Relatos episódicos
Nível 2: Relatos topológicos	Nível 2: Relatos picarescos
Nível 3: Relatos pré-formais	Nível 3: Relatos causais
Nível 4: Relatos claramente essencialistas	Nível 4: Relatos claramente narrativistas
Nível 5: Relatos revisionistas	Nível 5: Relatos interpretativos

Tabela 1: Formas de garantias para a persistência pessoal

Chandler conseguiu, através das 200 entrevistas recolhidas, identificar e diferenciar cinco níveis diferentes de ambas as estratégias, Essencialista e Narrativista (Tabela 1). Estes níveis juntos formam “uma sequência ascendente de formas cada vez mais adequadas, de construção de argumentos Essencialistas ou Narrativistas. Isto é, cada nível, que no conjunto corresponde a uma das estratégias, representa uma resposta-tipo, caracterizadas pelo grau do que evidenciam, a igualdade ou a mudança. O autor operacionalizou as respostas que obteve no seu estudo em duas estratégias (Essencialista vs. Narrativista), cada uma com cinco níveis progressivos, em que o nível 1, em ambas as estratégias, corresponde a respostas menos elaboradas e o nível 5 a respostas mais complexas. E assim, encontrou uma maneira de analisar as capacidades de cada um, de encontrar bases para a persistência, confrontando os participantes com circunstâncias que são compreendidas por todos através das vidas sempre em mudança destas personagens.

Queremos com este estudo perceber se a estratégia adoptada pelos indivíduos quando confrontados com este paradoxo da Igualdade em Mudança recebe influências de outras variáveis. Assim, achámos pertinente tentar perceber se existe algum grau de relação entre a escolha desta estratégia e o tipo de vinculação, indo ao encontro das hipóteses levantadas por Kroger (2007): “Os factores de personalidade individual, tais

como o grau de abertura a novas experiências, o uso de mecanismos de defesa mais maduros, o nível de resiliência egóica, o estilo de processamento de informação e o tipo de vinculação, podem estar entre os factores associados às preferências individuais por um processo de acomodação, em detrimento de um processo de assimilação”.

De acordo com as definições apresentadas anteriormente, acreditamos estar associada à escolha de um processo de acomodação uma estratégia narrativista e a escolha de um processo de assimilação inter-ligada a uma estratégia essencialista, mas esta análise não será o tema do nosso estudo, ficando aqui a sugestão para estudos futuros.

Teoria da Vinculação de John Bowlby

Não podemos falar de vinculação sem antes referenciar John Bowlby. Este autor estabeleceu as suas premissas básicas nas áreas da biologia contemporânea e da etologia, afastando-se das áreas psicanalíticas. Caracterizou este seu novo corpo teórico de “um novo tipo de teoria pulsional” (1969, p. 17).

Bowlby defende que existem sistemas comportamentais “pulsionais” inerentes à maior parte da vida emocional/afectiva do homem, sendo a sua maior preocupação a mobilização dos comportamentos e de experiências que definem e constituem o “apego”/vinculação da criança à mãe.

Este autor propõe que este apego pode ser “mediado por cinco respostas pulsionais componentes: sucção, sorriso, colagem, choro e seguimento, organizadas num sistema complexo de controlos e retroacções intrincadas, que resultam num comportamento de manutenção de proximidade” (1969, p.180).

A mãe, para Bowlby, é central desde o início, não apenas porque satisfaz. A reacção à perda da figura materna é com verdadeiro luto, contrariando a posição de Anna Freud, que defendia que as reacções à perda da mãe seriam “reacções transitórias da antecipação da privação que apenas persistiriam até ser apresentado um novo objecto que satisfaça a necessidade” (Greenberg & Mitchell, 1983).

Bowlby consegue, com a sua teoria da vinculação, fundamentar uma revisão de todas as áreas básicas da teoria clássica. Para o autor toda a angústia, fobia e outros

tipos de sofrimento psíquico estão relacionados com a separação da figura materna; a dependência seria uma associação do apego com uma angústia; a cólera uma resposta à separação (1973); as defesas estariam sempre ligadas a uma desactivação de necessidade de apego (1980).

“O que em larga medida determina se uma criança ou um adulto está num estado de segurança, angústia ou aflição é a acessibilidade e a responsividade da sua principal figura de vinculação” (1973, p.23).

Para Bowlby, a estabilidade emocional tem-lhe inerente a confiança na disponibilidade das figuras de vinculação. “As antecipações de uma tal acessibilidade são edificadas lentamente ao longo da infância e da adolescência, e são, geralmente, estáveis ao longo da vida posterior; as expectativas de acessibilidade das figuras de vinculação são reflexos exactos de experiências reais com os pais” (Greenberg & Mitchell, 1983).

A teoria de vinculação de Bowlby dirige-se à ausência e presença física da mãe, concretamente: “O vínculo da criança à sua mãe é um produto da actividade de um certo número de sistemas comportamentais, que estão próximos da mãe como um resultado previsível” (1969, p.179).

A proposta teórica de Jonh Bowlby não é considerada como um modelo psicanalítico puro e distinto, pois o autor defende que os sistemas comportamentais (experiências, fantasias), pulsionais, que constituem o “modelo de funcionamento” do indivíduo, operam simplesmente através deste, “cega e automaticamente”.

“Sequências complexas de comportamentos são encaradas como sendo devidas à activação e término sequencial de unidades comportamentais, sendo o seu aparecimento sequencial controlado por uma estrutura comportamental super ordenada, organizada como uma cadeia, como uma hierarquia causal, como um sistema hierárquico ou como alguma combinação de todos eles” (Bowlby, 1969). O objecto, para o autor, fica classificado num espaço de sistemas comportamentais pulsionais, e o seu papel integrado numa espécie de economia comportamental.

Ou seja, enquanto Freud enfatizava a importância da experiência/relação primária no desenvolvimento psíquico, John Bowlby substitui as ideias de Freud acerca de motivação e representação mental por conceitos mais cognitivistas e apresenta, de

forma diferente da de Freud, a questão do laço materno. Bowlby descarta a dependência infantil de Freud, (que defende que à medida que a criança cresce e desenvolve, gradualmente vai sendo menor, tendo como objectivo a independência na idade adulta) e focaliza-se na perspectiva de que as crianças serão mais competentes e inerentemente motivadas para a exploração e para a perícia, que não estão desprovidas de capacidades e, que inclusive, usufruem delas na exploração do ambiente envolvente, tendo como base segura uma, ou algumas, figuras de vinculação.

Segundo Vaughn et. al, 2006, este autor acrescenta, também, a ideia que a criança, com o seu/sua prestador de cuidados, co-constroem a representação mental desta relação, ou o seu modelo interno, e que esta representação permite que o/a prestador de cuidados seja “portátil” para contextos em que não está fisicamente presente, tornando possível a exploração fora do alcance deste prestador e sem a angustia de separação associada à sua ausência.

Bowlby, também acreditava que a representação mental da vinculação, retirada da relação com o prestador de cuidados, “informava” o *self*, de forma evolutiva e expectante (por exemplo: merecedor de amor e aceitação, capaz). Este processo com o aumentar da idade seria fortalecido pelas relações com pares, e com as outras relações mais próximas que a criança desenvolveria (Bretherton & Munholland, 1999). Claro, está, que a qualidade e utilidade da representação mental derivada da vinculação será contingente à actual interacção da díade, e Bowlby esperou que a diversidade de histórias de vinculação, seguro, inseguro, estivessem figuradas nos modelos de “trabalho” das crianças, dos adolescentes e, mesmo, dos adultos” (Vaughn et. all, 2006).

Da Psicologia Cognitiva foram retiradas noções como a que defende que a experiência pode ser um “modelo de trabalho”. Estes modelos englobam, entre outros, a memória, as expectativas e a capacidade de avaliar correctamente situações de interacção social (Schank, 1982, 1999; Schanck & Abelson, 1977), *in* Vaughn et. all, 2006.

O trabalho de Mary Ainsworth, na década de 70, revelou que era possível o acesso ao mecanismo que dá às crianças a capacidade de usar o prestador de cuidados como uma base segura na exploração. Falamos claro, da Situação Estranha.

Todo o trabalho desenvolvido a partir da introdução da Situação Estranha, como método de acesso à forma de vinculação estabelecida entre as crianças e as suas mães ou figura prestadora de cuidados, veio fortalecer as ideias de Bowlby acerca da origem e organização da vinculação infantil.

Bowlby (1973, 1980, 1969/1982) e Ainsworth (1978) descreveram a relação mãe-criança em termos de um equilíbrio entre a procura de proximidade e exploração. Este equilíbrio pode ser resumido em termos de um protótipo de script de base segura. Esse script descreve a sequência de eventos em que o adulto:

- (1) Apoia a exploração da criança;
- (2) Permanece disponível e responsivo, servindo se necessário como recurso;
- (3) A criança depara-se com um obstáculo ou uma ameaça e fica angustiada;
- (4) A criança refugia-se no adulto ou o adulto vai ter com a criança;
- (5) A dificuldade é resolvida ou afastada;
- (6) A proximidade e/ou o contacto com o adulto conforta efectivamente a criança;
- (7) A criança (possivelmente com a assistência do adulto) retoma a brincadeira construtiva (ou termina confortavelmente a brincadeira e faz a transição para outra actividade). (*in Waters & Waters, 2006, p. 188; Verissimo et., al., 2005*)

Bowlby (1973, 1980, 1969/1982, *in Vaughn et., al. 2006, p. 180*) defendeu que a familiaridade e o acesso a este script assumiam um papel importante na organização do equilíbrio vinculação-exploração durante a infância e são a base dos modelos internos de vinculação que emergem mais tarde.

Mas apesar do seu contributo, segundo Vaughn et. al, 2006, a Situação Estranha não nos permite aceder às representações mentais que derivam dos “modelos de trabalho” adquiridos na infância, assim os primeiros vinte anos de pesquisa na área da vinculação cingiram-se, quase exclusivamente, à infância, ou em levantar hipóteses sobre a importância da experiência infantil nas relações em idade adulta.

Apesar das limitadas colaborações entre a investigação da vinculação e a investigação do desenvolvimento cognitivo, foi possível o estabelecimento de tarefas e medidas designadas a aceder aos modelos internos de crianças, adolescentes e adultos. Na maior parte dos casos, os testes desenvolvidos tiveram como objectivo, que as medidas neles exploradas, revelassem o conteúdo do modelo interno correspondente ou qual era o reflexo mental das relações de vinculação. Na maior parte das situações, a validação destas medidas tem sido realizada tendo em conta as próprias relações e o conteúdo referente a estas, juntamente, com a representação sensório-motora da segurança do vinculação, avaliada na situação estranha. A estruturação da representação mental, envolve o grau de categorização do esquema utilizado e a sua correspondência com a classificação definida por Ainsworth e seus associados (Ainsworth et al., 1978) (*in* Vaughn et. al, 2006)

Pittman et., al, 2008: “A base segura e o comportamento de vinculação mostram continuidade na sua forma de operar e modo de funcionamento mesmo durante a vida adulta, mas as figuras de vinculação podem mudar, especialmente quando as relações românticas se tornam importantes. Os modelos do self e do mundo continuam a informar os indivíduos acerca do seu merecimento de amor e atenção e da probabilidade de oferecerem esse mesmo amor e atenção.”

Para Vaughn et. al, 2006, a introdução e promoção de outro tipo de medidas, direccionadas para o conteúdo das representações da vinculação, para além da infância, veio reforçar a ideia de quão abrangentes podem ser as construções provenientes da vinculação, que actualmente são centrais nos domínios da personalidade, da psicopatologia clínica, social ou na Psicologia do Desenvolvimento (Cassidy & Shaver, 1999).

Identidade e Vinculação: Duas linhas paralelas que finalmente se cruzam

Segundo Lachman (2004), Erikson considerou que a formação da identidade era o culminar de um processo anterior, o da identificação. De acordo com este autor, durante a adolescência, a família, os factores hormonais e sociais, eram ameaçados pela fase de formação de identidade, pois com ela vem a difusão de papéis. Erikson foi

criticado pelos psicanalistas (Greenacre, 1958; Jacobson, 1954) pela sua tendência sociológica.

Para Frank Lachman, o abandono que se fez da “identidade” para o *self*, foi uma fuga de uma definição psicossocial de um aspecto da personalidade para um aspecto intrapsíquico e psicológico.

“Inicialmente, a identidade era determinada como a resposta individual ao ambiente e às mudanças biológicas, a organização do *self* emergiu como a gerência pessoal das unidades psicológicas. O trabalho de Stern (1954) mudou a discussão como uma estrutura, para o desenvolvimento de um sentido de *self*. Desta forma, o modelo do desenvolvimento do *self* enraizava-se nas interações entre o self e o outro. Winnicott (1965), tem o seu papel nesta nova abordagem, quando põe o foco de atenção na mãe e no bebé e não só no bebé, não existe *self* sem contexto. O conceito de Erikson reemergiu como um sentido de *self* que tem origens primitivas e é actualizado durante toda a vida. A tendência cultural de Erikson foi reafirmada como uma matriz interacional.” (Lachman, 2004)

“Para Jacobson, o papel dos pais era darem amor e cuidados, bem como serem instintivamente restritivos. O desenvolvimento da criança ocorreria através do processo das várias identificações que esta formava. Começava com identificações afectivas, depois para as identificações do ego ganhas com as brincadeiras do “faz de conta” e, consolidação das identificações seria, quando surgisse a identificação da mãe como um agressor e/ou alguém que restringe a criança.” (Lachman, 2004).

A autora propõe que é por volta dos dois anos que a criança descobre a sua identidade.

Seguindo a linha de pensamento de Lachman (2004), uma acumulação de identificações, desde a mais primitiva às mais avançadas, mais específicas e subtis é, para Jacobson, o sentido de identidade da criança. As identificações sexuais chegam mais tarde. As motivações e as fontes para todas as identificações residem na criança, auxiliadas e/ou cúmplices ou ainda frustradas pelos pais, pelo ambiente ou seus elementos próximos.

Para Jacobson (1964), no início do desenvolvimento estamos num estado de fusão, de singularidade e vamos da simbiose para a autonomia, separação e

independência. Para o alcance deste objetivo, a autora enfatizou o reconhecimento da criança das suas diferenças, em comparação com os prestadores de cuidados, bem como a importância de uma separação física destes. Esta autora tornou, assim centrais a autonomia, separação e independência no estabelecimento da identidade de cada um.

Frank Lachman diz-nos que quando Stern (1985) descreveu os quatro sentidos de *self*, partiu do modelo do desenvolvimento linear do *self*, no qual partimos de estados indiferenciados e fundidos (Hartmann, 1939) até um *self* diferenciado e separado, através de transformações desenvolvimentais. Os sentidos de *self* de Stern são cumulativos, cada um desenvolve-se no topo do anterior. Todos eles experienciam transformações ao longo de toda a vida, desenvolvem-se e influenciam-se. Cada sentido do *self* transforma-se aquando a emergência de novas capacidades da criança e, assim ganham novos recursos e oportunidades para crescer. Os quatro sentidos do *self* descritos por Stern são:

1. Sentido de um *self* emergente
2. Sentido de um *self* nuclear
3. Sentido de um *self* subjectivo
4. Sentido de um *self* verbal

“O desenvolvimento do *self* não termina quando estes quatro sentidos estão alcançados, ele continua, mas estes quatro são a base, o alicerce do sentido do *self*, o que implica a identidade de cada um.” (Lachman, 2004)

Pittman e seus colaboradores têm vindo a desenvolver pesquisas que relacionam a teoria da Vinculação e o desenvolvimento Psicossocial de Erikson. Parece-nos da maior pertinência abordar aqui algumas das suas ideias centrais, pois simultaneamente com eles pensamos não ser possível dissociar os dois corpos teóricos, até agora vistos como independentes. As ideias que de seguida iremos abordar estão descritas no estudo *Attachment and identity/intimacy: two sides of the same coin*, apresentadas em Novembro de 2008 no National Council on Family Relations.

As Etapas do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson e suas ligações ao Modelo de Vinculação (Pittman et., al, 2008)

“De formas inteiramente consistente com o trabalho de Bowlby, a primeira etapa Verdade vs. Desconfiança do modelo teórico de Erikson, reporta a experiência da

criança na relação com os seus prestadores de cuidados. O processo e a resolução desta etapa levam-nos directamente para o pensamento de Bowlby sobre a vinculação. A criança desenvolve uma representação pré-cognitiva (inconsciente) e sensório-motora da fiabilidade dos cuidados e protecção disponíveis no prestador de cuidados (modelo do mundo, e do seu merecimento de ser cuidado por este (modelo do *self*). Erikson afirmou que uma resolução que dê prioridade à verdade na primeira etapa permite a emergência de esperança. Aqui esperança refere-se a segurança e será o melhor resultado deste primeiro período em ambas as teorias. De forma consistente com Bowlby, Erikson atribui o resultado deste período à consistência e qualidade dos cuidados providenciados pelo prestador de cuidados. A natureza paralela destas perspectivas no início do desenvolvimento suporta a alegação de que a vinculação pode ser vista como a base para uma identidade.” (p. 4)

“O paralelo entre Bowlby e Erikson em cada etapa está representado na importância fundamental da base segura como o suporte para a exploração. Sem esta base segura, as crianças ficam incertas acerca das suas habilidades ou da fiabilidade do suporte dado por outros. Vinculações seguras suportam a exploração e reafirmam modelos do *self* e do mundo.” (p. 5)

“Investigações que utilizaram a operacionalização da teoria de Erikson desenvolvida por James Marcia (1966, 1980), denotam que a identidade ser formada num modelo de encerramento sem exploração, mas uma identidade assim classificada é considerada nada saudável. Uma identidade saudável depende de uma combinação de exploração e compromisso com os aspectos adoptados na identidade. Um dos nossos interesses centrais é perceber como as vinculações seguras e as variedades de vinculações inseguras (modelos negativos do *self* e do mundo) afectam a exploração e o compromisso no processo de formação de identidade. É esperado que vinculações seguras promovam a exploração activa e resiliência, perante resultados negativos de explorações anteriores. Vinculações inseguras sugerem handicaps específicos, que podem resultar em problemas específicos em explorar, ou então, num conjunto de problemas comuns que reflectem uma exploração perturbada.” (p. 6)

“Collins & Read (1990), teóricos que trabalham a vinculação na idade adulta, argumentam que, no contexto das relações, o modelo do *self* pode levar a comportamentos receosos, ansiosos, de fuga ou evitamento nas relações. Já foi sugerido

que estes modelos podem também incapacitar uma exploração competente no domínio da identidade. Os compromissos baseados nesta exploração inapta podem ser menos estáveis. Os teóricos da vinculação na idade adulta também nos dizem que modelos do mundo inseguros irão afectar negativamente o contexto da relação, pois os indivíduos irão ser desconfiados em relação aos seus parceiros e estarão desconfortáveis com a dependência necessária numa relação inter-dependente de sucesso. Deste modo, falando do desenvolvimento da identidade, esta forma de insegurança contamina a base segura, tornando a exploração da identidade muito difícil, no contexto das relações íntimas.” (p.7)

Encontrámos as ideias que partilhamos com Pittman e seus colaboradores em investigações levadas a cabo por outros autores. Todas as reflexões aqui apresentadas convergem no pensamento de J. K. Baker (2006) quando este no seu estudo nos diz: “Vinculações seguras sugerem a promoção do desenvolvimento da identidade, ao encorajarem a exploração de identidades alternativas.”

Na investigação que Baker, 2006 desenvolveu são apresentados alguns resultados de outros estudos, em que foi possível correlacionar os estados identitários de James Marcia os modelos de vinculação, na idade adulta.

Kennedy (1999) desenvolveu um estudo com estudantes nos primeiros anos de universidade e nele concluiu que os indivíduos considerados seguros no seu modelo de vinculação tinham cotações mais elevadas no estado Conquista de Identidade, em comparação com os indivíduos ansiosos. Também verificou que *scores* baixos do estado de Moratorium estavam associados aos sujeitos com comportamentos de vinculação ansiosos, mais que aos preocupados (ansiosos e evitantes), resultados baixos do estado Difusão de Identidade ficaram associados aos indivíduos com comportamentos vinculativos preocupados (ansiosos e evitantes).

Segundo Zimmermann & Becker-Stoll (2002), a vinculação segura está associada ao estado Conquista de Identidade na adolescência, e uma vinculação evitante relacionada com estado Difusão de Identidade. A vinculação preocupada ficou marginalmente relacionada também com este estado do desenvolvimento da identidade. Outro estudo revela que mulheres com vinculações inseguras e sem compromisso a um estado de identidade experienciam níveis mais elevados de depressão, que aquelas que se encontram num dos quatro estados identitários (Wautier & Blume, 2004).

Se, tal como afirmam os autores aqui referidos, tem sido demonstrada uma relação entre os estados identitários de James Marcia e a qualidade do modelo de vinculação, pensamos ser do maior interesse perceber como é que esse modelo interno de funcionamento influencia a forma como nos posicionamos no Paradoxo de Igualdade em Mudança, pois estando a exploração, ou a confiança nela, definida como habilidade essencial tanto numa perspectiva psicossocial, bem como numa perspectiva psicológica e esta implicar vontade, desejo de viajar por alternativas, ou seja, de termos a mudança num horizonte, achamos que é inevitável a relação entre estas duas variáveis.

Problema: Estará a qualidade do modelo de vinculação correlacionada com a forma como solucionamos internamente o Paradoxo da Igualdade em Mudança?

1.2. Hipóteses:

De acordo, com as ideias até aqui apresentadas esperamos encontrar uma relação entre o modelo de vinculação do sujeito e a forma como este soluciona o Paradoxo da Igualdade em Mudança. Associamos a um modelo de vinculação segura níveis de resolução mais elevados, logo mais coesos, do Paradoxo aqui estudado.

2. Método

2.1. Participantes

Para a realização deste estudo tivemos a participação de 37 indivíduos, em que 11 deles são do género masculino e 26 do género feminino. A esta amostra pertencem 18 alunos do ISPA, do primeiro e segundo ano, e também 19 professores da escola 2+3 de Azeitão. Os participantes do grupo dos alunos do ISPA têm idades compreendidas entre 19 e 27 anos ($M=21,3$ $DP=2,11$), enquanto que os participantes do grupo dos professores têm idades entre os 24 e 50 anos ($M=38,26$ $DP=7,17$). Para a análise dos resultados, achámos importante ter dois grupos com idades distintas, em fases de vida muito diferentes. O grupo dos alunos no início da vida universitária, fase de gestação da futura vida profissional, poderiam ser incluídos na etapa 5 (Identidade vs. Confusão) ou 6 (Intimidade vs. Isolamento) da teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson; o grupo dos professores, já com essa fase ultrapassada, com a vida profissional

estabelecida, poderia ser ligado à etapa 7 (Produtividade vs. Estagnação), penúltima no esquema de desenvolvimento de Erikson. Apesar das diferenças entre os dois grupos serem muitas e, assim aumentarem o interesse nos resultados, achamos importante referir que ambos os grupos se encontravam em semelhante situação de stress profissional/académico, pois o grupo dos alunos foi entrevistado na altura do final das aulas, início dos exames e o grupo dos professores no final do ano lectivo, altura em que estão sujeitos a maiores preocupações.

2.2. Instrumentos

A todos os participantes foram aplicados os seguintes instrumentos:

2.2.1. Inventário de Depressão de Beck (BDI; versão original: *Beck Depression Inventory*, Beck, Ward, Mendelson, Mock & Urbaugh, 1961; versão portuguesa: Vaz-Serra & Abreu, 1973), é uma escala de auto-avaliação da depressão, que tem como objectivo diferenciar os elementos de uma população depressiva. O B.D.I é formado por 21 grupos de sintomas, estabelecidos de acordo como comportamento usualmente manifestado clinicamente por este tipo de pacientes. No final, a pontuação atingida por cada indivíduo, obtida pela soma dos resultados de cada grupo sintomatológico (0, 1, 2, 3), permite ainda reconhecer se existe ou não um quadro depressivo e, caso afirmativo, se este é inexistente (Total entre 0-13), leve (Total entre 14-19), moderado (Total entre 20-28) ou grave (Total entre 29-63) (Vaz Serra & Abreu, 1973).

2.2.2. Inventário de Ansiedade Estado e Traço – Forma Y (STAI-Y; versão original: *State – Trait Anxiety Inventory* Spielberger, 1983; versão portuguesa: Silva, 2003), este inventário de auto-avaliação permite-nos avaliar os níveis de ansiedade estado – Forma Y-1 – e ansiedade traço – Forma Y-2. A ansiedade estado refere-se ao nível de ansiedade desencadeado por uma situação num dado momento. A ansiedade traço relaciona-se com a forma como o indivíduo avalia as situações, que no caso de indivíduos com resultados elevados se deve à atribuição de características ameaçadoras a essas situações. O questionário STAI é constituído por 40 itens, em que os primeiros 20 permitem-nos a avaliação do estado de ansiedade e os últimos 20 ao traço de ansiedade. As respostas são dadas numa escala tipo Likert de 4 pontos (1= quase nunca; 2= às vezes; 3= frequentemente; 4= quase sempre). Na versão portuguesa, os valores de

cada sub-escala pode variar entre 20 e 80, em que 20 será o mínimo possível e 80 o máximo.

Estes dois primeiros instrumentos foram aplicados com o intuito de controlar a eventual presença de psicopatologia nos participantes envolvidos.

2.2.3. Entrevista de Persistência Pessoal de Chandler (Chandler et., al, 2003), esta entrevista foi desenvolvida por Chandler e seus colaboradores. Esta entrevista permite-nos confrontar os entrevistados com o Paradoxo da Igualdade em Mudança e retirar das suas respostas, a forma como estes fazem co-habitar na sua identidade igualdade (valores tradicionais indígenas) e mudança (valores da comunidade urbana).

Chandler conseguiu, através das 200 entrevistas válidas recolhidas, identificar e diferenciar cinco níveis diferentes de ambas as estratégias, Essencialista e Narrativista. Estes níveis formam “uma sequência ascendente de formas cada vez mais adequadas, de construção de argumentos Essencialistas ou Narrativistas. Isto é, cada nível, que no conjunto corresponde a uma das estratégias, representa uma resposta-tipo, caracterizadas pelo grau do que evidenciam, a igualdade ou a mudança.” (Chandler, et. al, 2003).

Um dos desafios que encontrou foi como apresentar o Paradoxo da Igualdade em Mudança aos entrevistados. Encontrou a solução na literatura. Chandler consegue assim avaliar duas dimensões com a sua entrevista de persistência pessoal, pois o sujeito é questionado relativamente a si próprio (*self*) e aos outros, através da exposição de uma história que tem aspectos específicos relativamente à identidade da personagem de destaque.

As histórias que são apresentadas aos participantes que vão ser entrevistados, terão sempre que ter um herói ou heroína, que no início da história tem determinadas características muito diferentes das que irá possuir no final, mas que mantém a sua singularidade pessoal (Chandler et. al, 2003, p.16).

Os sujeitos, depois de estarem por dentro de cada romance, são levados a comentar as personagens no início e no fim da história e, assim, são confrontados com as transformações que ocorreram ao longo da vida destas personagens e envolvidos na discussão acerca da persistência pessoal, numa primeira fase na perspectiva do outro e depois sobre eles mesmos.

A entrevista de Chandler já tinha sido aplicada em Portugal antes deste estudo que aqui apresentamos. Ela foi introduzida por Luís Pisco (2005) com a monografia *Continuidade Cultural e Desenvolvimento da Identidade em jovens de uma Comunidade Rural*, na qual o autor tentou perceber se os jovens de uma comunidade rural (Sabóia) utilizavam as mesmas estratégias de garantia pessoal, que os jovens pertencentes a uma comunidade urbana (Odemira), para assim verificar, tal como Chandler et. al., (2003) se o tipo de estratégia utilizada pode explicar a tendência que certos adolescentes têm para cometer suicídio. A história apresentada neste estudo foi também *Os Miseráveis* de Victor Hugo.

A amostra era constituída por 59 alunos do 7º e 8º ano de uma escola em Odemira e outra em Sabóia, em que a média de idades era de 13 anos. A entrevista aplicada tinha um formato muito semelhante à que Chandler e seus colaboradores desenvolveram, logo muito semelhante à aplicada por nós. No entanto, a apresentação da história no trabalho (Pisco, 2005) foi realizada em formato áudio, por vezes com o complemento de uma versão exposta oralmente, com duração de cinco minutos

Para o nosso estudo apresentámos aos nossos participantes um excerto de um filme que adaptou o romance de Victor Hugo, *Os Miseráveis*, onde a personagem principal, Jean Valjean, começa por ser um ladrão, ex-recluso e termina como *maire* de uma pequena vila em França, como um homem de sucesso. Escolhemos esta história, das várias propostas por Michael Chandler (Chandler, et., al.,2003, p. 16), pois considerámo-la a mais ajustada para os nossos participantes, tendo em conta as diferentes faixas etárias abordadas.

Foi a partir da adaptação deste romance para cinema realizada por Bille August, no ano de 1998, com o título *Les Misérables*, que efectuámos o nosso excerto com duração de 17 minutos, repartido em nove episódios. No excerto que realizámos procurámos abordar de forma resumida o essencial da história do personagem principal, Jean Valjean. Respeitámos o início do filme, em que o personagem aparece como um recluso acabado de sair da prisão onde esteve durante 19 anos, com a acusação de roubo. Ainda nesta primeira cena surge o momento em que Jean Valjean é surpreendido por uma boa acção, que desencadeia toda a sua transformação, também retratada no resumo que efectuámos. A partir desta cena inicial, mostramos o desenvolvimento da personagem com uma nova identidade, respeitando o seguimento do filme original e

terminamos com a abordagem a outra mudança que Jean Valjean tem que se submeter, devido à sua situação de fugitivo.

O excerto foi exibido através do programa Windows Media Player com uma resolução 384x288, com uma moldura vertical de 16.9 e uma moldura horizontal com a referência MOD 32 fix.

Entrevista de Persistência Pessoal (Chandler, et., al., 2003)

I. Dimensão Outros

1. *Fale-me/Descreva-me, com o maior número de detalhes como é Jean Valjean no início da história.*
2. *Fale-me/Descreva-me, detalhadamente como é Monsieur Le Maire no fim da história.*
3. *Concorda que JV e MM são o mesmo personagem no início e no fim da história?*
4. *Dadas todas as mudanças importantes, como é que Valjean e Monsieur Le Maire são a mesma pessoa? De que forma a personagem difere do início para o final da história?*

II. Dimensão Self

1. *Recorda-se de quando tinha 10 anos? Consegue descrever-se com esta idade?*
2. *E agora, como se descreveria a si mesmo(a)?*
3. *Como explica ser a mesma pessoa? O que faz de si a mesma pessoa?*

Pré-teste do procedimento (filme e entrevista)

O resumo do filme efectuado foi exibido a dez indivíduos, que não os participantes do nosso estudo, no sentido de garantir que este abordava as variáveis pretendidas.

As respostas que se obtêm são gravadas em áudio, depois são transcritas e de seguida analisadas, tornando-se assim passíveis de serem classificadas consoante a estratégia utilizada e o nível de complexidade/coesão utilizado pelos participantes.

Estrutura explicativa da cotação das entrevistas de Persistência Pessoal – Paradoxo da Igualdade em Mudança

I. Estratégia Essencialista: Estrutura Explicativa

Os indivíduos que se inserem nesta estratégia definem-se a si mesmos e aos outros, de acordo com algo mais ou menos abstracto, uma entidade substantiva ou uma essência (Barclay & Smith, 1990) in Chandler et. al., 2003, que acreditam ficar à parte, ou escondida do tempo e que as mudanças pessoais, que ocorrem inevitavelmente, são de algum modo, apenas parciais ou meramente de apresentação, triviais (Chandler et. al, 2003).

II. Estratégia Narrativista: Estrutura Explicativa

Esta estratégia, para Chandler, abraça de facto a mudança e privilegia a procura de explicações, de como a mudança surge e que lugar ocupa nas nossas vidas. Esta abordagem entra em choque directo com as respostas Essencialistas, pois estas preocupam-se em localizar uma entidade que habita a “ilha da igualdade num mar de diferencias pessoais” (Chandler et., al., 2003), enquanto que as respostas narrativistas, de uma forma geral, rejeitam a possibilidade da existência de algo substantivo – um aspecto duradouro do *self* – que é imutável à passagem do tempo. Ao invés, estes informantes, no que se refere à questão da persistência, utilizam argumentos que defendem que as várias partes das suas vidas estão unidas pelo simples facto de possuírem significado e de serem compreensíveis numa cronologia ou narrativa pessoal.

Na opinião do autor e seus colaboradores, o que distingue os vários esforços narrativistas é que nem todos os indivíduos desenvolvem o mesmo tipo de argumentos, ou têm a mesma ideia sobre o que é determinante na construção de uma história de vida e, conseqüentemente, surgem cinco linhas progressivamente diferentes de argumentos narrativistas.

III. Níveis de complexidade/coesão: estrutura explicativa

Estratégia Essencialista – <i>selves</i> como entidades duradouras	Estratégia Narrativista – <i>selfhood</i> como uma estrutura relacional
Nível 1: Relatos de inclusão simples	Nível 1: Relatos episódicos

Nível 2: Relatos topológicos	Nível 2: Relatos picarescos
Nível 3: Relatos pré-formais	Nível 3: Relatos causais
Nível 4: Relatos claramente essencialistas	Nível 4: Relatos claramente narrativistas
Nível 5: Relatos revisionistas	Nível 5: Relatos interpretativos

Apresentaremos de seguida alguns exemplos das entrevistas que recolhemos:

Exemplo 1: Estratégia Essencialista Nível 1: Relatos de inclusão simples

Participante L (grupo dos alunos):

Dimensão outros: "(...) Ele teve que roubar, ser preso, fugir, mas é sempre a mesma pessoa, o homem que é..."

Exemplo 2: Estratégia Essencialista Nível 5: Relatos revisionistas

Participante 15 (grupo dos professores):

Dimensão *self*: "Não... quer dizer... falamos sim, mas o fundo é o mesmo, e a Eunice de agora é uma sobrevivente, passou pelo que passou, mas isso transformou-a. Olho sempre para trás para no futuro não repetir os mesmos erros... mas continuo com o meu bom fundo..."

Nenhum dos nossos entrevistados recebeu a cotação nível um na estratégia narrativista, exemplificaremos um nível baixo nesta estratégia com um exemplo de cotação de nível 2.

Exemplo 3: Estratégia Narrativista Nível 2: Relatos picarescos

Participante C (grupo dos alunos):

Dimensão outros: "(...) naquela altura ele roubou porque precisava mas agora como tinha possibilidades estava a ajudar outras pessoas, portanto ele não teria roubado se não tivesse possibilidades e teria agido de maneira diferente (...)"

Exemplo 4: Estratégia Narrativista Nível 5: Relatos interpretativos

Participante P (grupo dos alunos):

Dimensão *self*: “O carlos de agora é uma pessoa totalmente diferente e se as diferenças são enormes de quando tinha 10 anos, mas essas seriam as mais naturais, pois ainda faltava aprender muita coisa, tenho vindo a perceber que me sinto muito diferente de ano para ano...é precisamente o factor mudança que é muito constante quando pensamos a nossa identidade (...).”

Em anexo estão as definições que Chandler e seus colaboradores apresentaram em 2003, da operacionalização em cinco níveis distintos e progressivos que efectuaram do Paradoxo da Igualdade em Mudança e na qual nos baseámos, na cotação das entrevistas de persistência pessoal.

2.2.4. Análise de Narrativas sobre as Representações da Vinculação (*Scripts de base segura*, tradução do instrumento de Harriet Salatas Waters e Lisa M. Rodrigues, State University of New York at Stony Brook) (Waters, H., & Rodrigues-Doolah, L., (2004). Manual for decoding secure base narratives. Unpublished manuscript. State University of New York at Stony Brook).

Adaptação Portuguesa de Veríssimo, Monteiro, Vaughn, Santos, & Waters (2005); este instrumento é composto por quatro pranchas com grupos de palavras sugestivas que foram desenvolvidos para guiar a produção de histórias sobre cenários relevantes do ponto de vista da vinculação (A Manhã do Bebê, No Consultório Médico, O Acampamento da Joana e do Pedro, O Acidente).

Dois dos cenários referem-se à interacção adulto-criança (A Manhã do Bebê; No Consultório Médico) e os outros dois à interacção adulto/adulto (O Acampamento da Joana e do Pedro; O Acidente). Uma vez mais, o protótipo de script de base segura é definido por a base segura (mãe/parceiro(a)) ajudar o indivíduo (personagem da história) a lidar com a angústia e o regresso da situação ao normal. Nos cenários mais positivos, o objectivo da base segura é facilitar a exploração, promovendo experiências positivas.

Bowlby (1985) e Ainsworth (1969) descrevem a relação entre a criança e o cuidador como um balanceamento entre a procura da proximidade e a exploração. Este balanceamento pode ser sumariado em termos de um protótipo de script de base segura.

Este script descreve uma sequência de eventos na qual o cuidador (1) suporta a exploração da criança, (2) mantém-se disponível e responsivo e serve como recurso quando necessário; (3) a criança depara-se com um obstáculo ou ameaça e fica angustiada; (4) ou a criança retira-se para o cuidador ou o cuidador vai ter com a criança; (5) a dificuldade é resolvida ou retirada; (6) a proximidade e/ou o contacto com o cuidador conforta efectivamente a criança; (7) a criança (possivelmente com a assistência do cuidador) retorna ao jogo construtivo (ou finda o jogo confortavelmente e faz a transição para outra actividade) (Waters & Rodrigues-Doolah, 2004).

Para efeitos de cotação, um valor numérico é atribuído a cada narrativa consoante o nível correspondente (1 – 7) de script de base segura, em que o 1 indicará que não estão presentes quaisquer conteúdos de base segura, a história será apenas uma lista de eventos, sem qualquer ligação entre eles; o nível 7 corresponderá a uma organização extensiva de script de base segura, com elaboração substancial (Waters & Waters, 2006, p.189; Verissimo et. al., 2005).

Num estudo de validade, foram correlacionados resultados de um estudo em que se utilizou os scripts de base segura e a situação estranha (Tini, Corcoran, Rodrigues – Doolabh, & Waters, 2003), donde foi possível retirar que scores maiores e iguais a 4 correspondem a um script seguro, e que scores inferiores que 4 correspondiam a scripts inseguros (Waters & Waters, 2006, p.192).

As histórias com classificações superiores são aquelas com conteúdos de base segura mais extensos e uma base interpessoal mais forte. Histórias com uma classificação mais baixa terão menos conteúdos de base segura. As histórias com mais baixas classificações apresentarão conteúdos inconsistentes com um script de base segura. Do mesmo modo, surgirão falhas na coerência da sequência de acontecimentos, falhas essas com conteúdos emocionais, com falta de acompanhamento ou reacção da personagem da base segura. As histórias mais fracas terão, essencialmente, na parceria de base segura (seja o parceiro, a criança ou o adulto), eliminado o parceiro como um participante activo na história, podendo mesmo redireccionar o foco da história para si própria (ex: na Manhã do Bebê a mãe focar a atenção apenas em si própria). (*in* Veríssimo et., al., 2005)

Dois conjuntos de palavras-chave neutras foram desenvolvidos para conduzir a produção de histórias sobre cenários não relevantes do ponto de vista da vinculação, um

envolvendo uma criança e a sua amiga (uma ida ao parque) e uma outra envolvendo uma adulta e a sua amiga (uma tarde nas compras). Para cada história há um script implícito que guia a classificação das versões das histórias produzidas com base no conjunto de palavras.

Para os participantes masculinos as histórias apresentadas têm um pai em vez de uma mãe.

As respostas que se obtêm são gravadas em áudio, depois são transcritas e de seguida analisadas.

Utilizamos também para a recolha de dados os seguintes instrumentos:

Gravador

Computador

Cd com filme resumo da história *Os Miseráveis*

2.3. Procedimento

O estudo consistia em duas partes, divididas por um intervalo de cinco minutos. A primeira parte iniciou-se sempre com o relato do que iria ser efectuado, seguido do preenchimento de uma folha em que eram pedidos alguns dados pessoais (idade e género). Ainda na primeira parte realizou-se o visionamento do filme resumo seguido da entrevista de persistência pessoal de Chandler et. al. (2003). Na segunda parte foram aplicados os scripts de base segura. A aplicação dos scripts de base segura e da entrevista de persistência pessoal (a entrevista foi sempre efectuada após o visionamento do filme resumo) foi contrabalançada entre cada participante, para que o seguimento da aplicação não contaminasse os resultados.

2.3.1. Grupo dos alunos universitários

Os participantes do grupo dos alunos universitários foram contactados nas salas de aula, onde foi explicado em que é que o estudo consistia e a duração de cada entrevista. Posteriormente, foram contactados para se realizar o agendamento da entrevista. Quando chegavam à sala era-lhes pedido que assinassem um consentimento

informado, permitindo-nos a utilização dos dados recolhidos, garantindo a sua confidencialidade. As entrevistas foram realizadas durante os meses de Abril, Maio e Junho de 2009, sempre no mesmo local, numa sala do ISPA, em que nos asseguramos de garantir as mesmas condições para cada participante.

2.3.2. Grupo dos professores do 2º e 3º ciclo do ensino básico

Com o grupo dos professores, o procedimento foi idêntico, estando a alteração apenas no sítio da recolha das entrevistas, que no caso deste grupo, foram realizadas numa sala da escola onde estes participantes leccionam. Só demos início às entrevistas após pedirmos autorização para o fazer à Presidente do Conselho Executivo da mesma escola.

2.3.3. Análise e cotação dos dados recolhidos

Com os dados recolhidos, passámos à transcrição e cotação das entrevistas e scripts de base segura, bem como dos inventários aplicados.

Cotação dos Scripts de base segura

Os scripts de base segura foram analisados e cotados por dois cotadores treinados, independentes do nosso estudo. O valor de correlação entre os dois cotadores foi muito satisfatório ($r=.88$).

Cotação do Paradoxo de Igualdade em Mudança

A cotação das entrevistas de persistência pessoal foi efectuada independentemente por dois cotadores, a autora deste trabalho e o orientador, e depois analisada. Foi utilizado o método ICC (intra-class correlation), para ser averiguada a concordância de cotações tanto ao nível das estratégias, como do nível apresentado por cada participante, e o resultado para a cotação dos níveis foi de 0,84 e o resultado para a cotação das estratégias foi de 0,94, o que revela boa concordância entre cotadores, dando fiabilidade às cotações aqui apresentadas e analisadas.

Após termos todas as cotações, procedemos à análise das mesmas através do programa de estatística SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 17.0, para Windows.

3. Resultados

Após a realização dos testes para averiguar a normalidade das variáveis, verificámos que apenas as variáveis ansiedade traço total e ansiedade estado total não violam o pressuposto da normalidade, exigido pelos testes paramétricos que realizaríamos de seguida, desta forma optámos pelo recurso à correlação de Spearman que não tem como assumpção este pressuposto.

Em relação aos testes de comparação entre grupos (estudantes de psicologia-professores e homens-mulheres) utilizámos testes não-paramétricos e Análise de variância (ANOVA) e verificámos que ambos os testes apresentam resultados semelhantes no que respeita aos níveis de significância, como tal optámos por apresentar apenas os resultados das Anova.

Tabela 2- Normalidade das variáveis

	Kolmogorov-Smirnov ^a		
	Statistic	df	Sig.
script_crianca	,166	37	,011
script_adulto	,204	37	,000
nivel_self	,229	37	,000
nivel_outros	,209	37	,000
Bdi	,135	37	,084
Tracototal	,114	37	,200 [*]
Estadototal	,110	37	,200 [*]

3.1. Estatísticas descritivas das variáveis em estudo

Na tabela 3 estão representadas as médias e desvios padrão das variáveis em estudo. Temos assim para a variável script criança (qualidade do modelo vincutivo na interação adulto-criança) uma média de 3,351 e um desvio padrão de 0,949. Para a variável script adulto, que se refere ao modelo vincutivo na interação adulto-adulto, obtivemos uma média de 3,094 e um desvio padrão de 0,675. A média de idades dos 37 participantes é de 30,094 e o desvio-padrão de 10,070. A variável nível *self*, aqui operacionalizada em cinco níveis de complexidade/coesão de resposta, apresenta uma média de 3,378 e o seu desvio padrão tem o valor de 0,953. A variável nível outros, sujeita à mesma operacionalização que a dimensão *self*, apresenta uma média de 3,270 e

o seu desvio padrão tem o valor de 0,932. O índice de depressão (BDI) revela uma média de 7,108 e o seu desvio padrão é de 5,791. A ansiedade traço tem uma média 39,810 e um desvio padrão de 9,506, enquanto que a ansiedade estado tem como valor de média 40,378 e um desvio padrão de 9,815.

Tabela 3 – Médias e desvios padrão das variáveis em estudo

	Média	Desvio Padrão
script_crianca	3,3514	,94916
script_adulto	3,0946	,67534
idade	30,0270	10,07055
nivel_self	3,3784	,95310
nivel_outros	3,2703	,93240
bdi	7,1081	5,79168
tracototal	39,8108	9,50683
estadototal	40,3784	9,81595

3.2. Diferenças entre os grupos e entre género nas variáveis em estudo

Na tabela 4 estão representadas as médias e desvios padrão de todas as variáveis obtidos a partir do teste ANOVA, em que o factor de comparação foi o grupo (professores e alunos).

Verificámos que existem diferenças significativas na comparação da variável idade, em que o $F=92,57$ ($p<.01$) e a média no grupo dos professores é de 38,3 com um desvio padrão de 7,1. No grupo dos alunos, a média é 21,3 com um desvio padrão de 2,1.

Encontrámos também, diferenças significativas no que se refere à operacionalização da variável da persistência pessoal (nível outros), em que $F=4,723$ ($p<.05$). Assim, o grupo dos professores apresentou uma média de 3,78, com um desvio padrão de 0,837. O grupo dos alunos tem como média 2,944 e um desvio padrão de 0,937. Encontramos assim, no grupo dos professores, uma maior complexificação da estratégia adoptada para a persistência pessoal.

Tabela 4 – Diferenças de médias e de percentagens entre os dois grupos (professores e alunos)

	Professores N=19	Alunos N=18	Estatística
			F
Idade	M=38,3 (7,1)	21,3 (2,1)	92,57**
Script criança	M=3,34 (0,727)	M=3,36 (1,16)	0,004
Script adulto	M=3,105 (0,515)	M=3,083 (0,816)	0,009
Nível self	M=3,578 (0,901)	M=3,166 (0,985)	1,766
Nível outros	M=3,78 (0,837)	M=2,944 (0,937)	4,723*
BDI	M=6,315 (5,637)	M=7,944 (5,994)	0,725
Traço total	M=37,894 (9,746)	M=41,833 (9,076)	1,614
Estado total	M=40,21 (9,034)	M=40,555 (10,842)	0,011
			X ²
Género (Percentagem de homens)	%=26,3	%=33,3	0,218
Estratégia Essencialista self (percentagem)	%=78,9	%=66,7	

Estratégia Narrativista self (percentagem)	%=21,1	%=33,3	0,707
Estratégia Essencialista outros (percentagem)	%=73,7	%=44,4	3,278+
Estratégia Narrativista outros (percentagem)	%=26,3	%=55,6	

Legenda: Desvio Padrão entre parêntesis

** $p < .01$

* $p < .05$

+ $p < 0.1$ (marginalmente significativo)

Na tabela 5 estão representadas as médias e desvios padrão das variáveis em análise, em que o factor de comparação foi a variável género. Encontrámos diferenças significativas na comparação das médias obtidas para a variável script criança (qualidade do modelo de vinculação na interacção adulto-bebé), em que as mulheres apresentam uma média de 3,5, com um desvio padrão de 0,86 e $F=2,218$ ($p < .05$) e os homens uma média de 3 com desvio padrão de 1,095. Estes resultados significam que, nesta amostra, as mulheres apresentaram um modelo vincutivo mais seguro na interacção adulto-bebé que os homens da mesma amostra.

O mesmo aconteceu para a variável script adulto, que avalia a qualidade do modelo vincutivo na interacção adulto-adulto, em que as mulheres surgem com uma média de 3,288, desvio padrão de 0,586 e o grupo dos homens obteve uma média de 2,636, com desvio padrão de 0,674. Apesar de a diferença não ser muito grande, estes resultados indicam-nos que também nesta vertente relacional do modelo vincutivo, as mulheres parecem possuir representações mais seguras, do seu modelo de vinculação.

Tabela 5 – Diferenças de médias das variáveis entre os géneros

	Masculino N=11	Feminino N=26	F
Idade	M=29,454 (9,882)	M=30,269 (10,332)	0,049
Script criança	M=3,00 (1,095)	M=3,5 (0,86)	2,218*

Script adulto	M=2,636 (0,674)	M=3,288 (0,586)	8,760*
Nível self	M=3,545 (0,934)	M=3,307 (0,970)	0,474
Nível outros	M=3,454 (1,035)	M=3,192 (0,895)	0,605
BDI	M=8,727 (6,165)	M=6,423 (5,608)	1,231
Traço total	M=41,272 (10,743)	M=39,192 (9,090)	0,364
Estado total	M=40,090 (10,700)	M=40,50 (9,638)	0,013

Legenda: Desvio Padrão entre parêntesis

* $p < .05$

3.3. Análise de correlações entre as variáveis em estudo

Assim, procedemos a uma série de correlações com todas as variáveis em análise, que estão representadas na tabela 6.

Ansiedade Estado e Traço

Verificámos uma forte associação linear entre as variáveis estado total e traço total ($r = .774$ $p < .01$), o que mostra que a ansiedade estado e a ansiedade traço apresentam uma forte correlação, que é estatisticamente significativa. O que demonstra que quanto maior o nível de ansiedade traço, maior o nível de ansiedade estado¹.

Ansiedade e Depressão

Os resultados recolhidos através dos questionários que avaliam os índices de ansiedade e de depressão, mostram-nos uma correlação positiva entre estas duas variáveis (BDI e ansiedade traço $r = .617$ $p < .01$; BDI e ansiedade estado $r = .663$ $p < .01$). Esta relação não será de causalidade, mas podemos dizer que quanto maior o índice de depressão maior o índice de ansiedade.

Ansiedade e Nível de complexidade/coesão da Persistência Pessoal

O nível de complexidade/coesão de resposta na dimensão outros, da entrevista de Persistência Pessoal, está moderadamente associado à ansiedade estado ($r = -.407$

¹ Estas relações não são contudo de causalidade. Apenas indica uma associação entre as variáveis.

$p < .01$) e a ansiedade traço ($r = -.382$ $p < .01$). Esta correlação é contudo negativa, o que significa que quanto maior o nível de complexidade/coesão da resposta, menor o nível de ansiedade estado e ansiedade traço.

Depressão e Nível de complexidade/coesão da Persistência Pessoal

Em relação à associação entre a dimensão outros da complexidade/coesão de resposta e o índice de depressão (BDI), verifica-se uma correlação negativa moderada ($r = -.310$ $p < .05$). Esta associação implica que quanto maior o índice de depressão, menor o nível de complexidade/coesão de resposta na dimensão outros.

Vinculação (Script de Base Segura)

Verifica-se ainda uma moderada correlação positiva entre o modelo vincutivo adulto-criança e o modelo vincutivo na interacção adulto-adulto ($r = .326$ $p < .05$) o que indicia que estas duas dimensões apresentam uma associação positiva significativa

Nível de complexidade/coesão da Persistência Pessoal e Vinculação

A variável complexidade de resposta na entrevista de Persistência Pessoal (dimensão outros) está moderadamente associada à qualidade do modelo vincutivo na interacção adulto-criança ($r = .331$ $p < .05$). Ou seja, quanto maior a qualidade do modelo vincutivo, maior será o nível de estratégia utilizado.

Níveis de complexidade/coesão da Persistência Pessoal: dimensão *self* e outros

Entre os níveis de complexidade de resposta na dimensão *self* e na dimensão outros, existe uma associação positiva forte ($r = .473$ $p < .01$), estando por isso positivamente correlacionadas.

Na tabela 6 estão representadas todas as correlações que acima referimos.

Tabela 6 – Correlações entre as variáveis em estudo

	script_crianca	script_adulto	nivel_self	nivel_outros	bdi	tracototal	estadototal
script_crianca		,326*	,250	,331*	-,228	-,193	-,265
script_adulto	,326		-,143	-,006	-,118	,080	,029
nivel_self	,250	-,143		,473	,040	-,008	-,154
nivel_outros	,331*	-,006	,473**		-,310*	-,382**	-,407**
bdi	-,228	-,118	,040	-,310*		,617**	,663**
tracototal	-,193	,080	-,008	-,382**	,617**		,774**

estadototal	-,265	,029	-,154	-,407**	,663**	,774**	
-------------	-------	------	-------	---------	--------	--------	--

**p<0.01

*p<0.05

3.4. Relação entre estratégias Narrativistas e Essencialistas e as variáveis em estudo

Nas tabelas 7 e 8, respectivamente, temos como factor de comparação das médias das variáveis por nós analisadas, a estratégia de persistência pessoal (essencialista e narrativista) em relação à dimensão self e a estratégia de persistência pessoal na dimensão outros.

Verificámos que apenas o script criança difere significativamente, quando comparamos as duas estratégias na dimensão self, em que os indivíduos que apresentaram uma estratégia essencialista obtiveram uma média de 3,148 com um desvio padrão de 0,782 e $F=5,100$ ($p<.05$) e os indivíduos que privilegiam a estratégia narrativista obtiveram uma média de script criança de 3,900 com um desvio padrão de 1,17, ou seja, os indivíduos que adoptam uma estratégia de persistência pessoal narrativista, na dimensão self, apresentam um modelo vincutivo mais seguro na interacção adulto-criança que os participantes com a estratégia essencialista.

Tabela 7 - Estratégia de Persistência Pessoal da dimensão self e as restantes variáveis

	Essencialista N=27	Narrativista N=10	F
Script criança	M=3,148 (0,782)	M=3,900 (1,17)	5,100*
Script adulto	M=3,092 (0,665)	M=3,100 (3,092)	0,001
Nível self	M=3,259 (0,984)	M=3,700 (0,823)	1,586
Nível outros	M=3,222 (1,012)	M=3,400 (0,699)	0,260
BDI	M=7,296 (6,08)	M=6,600 (5,189)	0,103
Traço total	M=40,777 (8,554)	M=37,200 (11,820)	1,035

Estado total	M=41,000 (8,204)	M=38,700 (13,663)	0,394
Idade	M=30,629 (10,499)	M=28,400 (9,118)	0,351

Legenda: Desvio Padrão entre parêntesis

* $p < .05$

No que se refere à diferença de médias da variável estratégias (Narrativista e Essencialista) na dimensão outros com os outros índices em estudo (ver tabela 8), verificámos que as pessoas mais velhas (M=33.363 DP=10.508) recorrem mais a estratégias essencialistas do que as pessoas mais novas (M=25.133 DP=7.209). Esta diferença de médias é estatisticamente significativa (F= 6,94 $p < .05$).

Tabela 8 - Estratégia de Persistência Pessoal da dimensão outros e as restantes variáveis

	Essencialista N=22	Narrativista N=15	F
Script criança	M=3,250 (0,751)	M=3,500 (1,195)	0,612
Script adulto	M=3,159 (0,585)	M=3,000 (0,801)	0,488
Nível self	M=3,3182 (0,945)	M=3,466 (0,990)	0,212
Nível outros	M=3,318 (1,041)	M=3,200 (0,774)	0,140
BDI	M=8,318 (6,003)	M=5,333 (5,150)	2,465
Traço total	M=40,04 (9,131)	M=39,466 (10,350)	0,032
Estado total	M=40,863 (9,156)	M=39,666 (11,004)	0,129
Idade	M=33,363 (10,508)	M=25,133 (7,209)	6,940*

Legenda: Desvio Padrão entre parêntesis

* $p < .05$

4. Discussão/Conclusão

Olhando para a nossa amostra de uma perspectiva global, encontramos nos resultados obtidos médias relativamente baixas, no que se refere ao modelo de vinculação, quer na interação adulto-bebê ou na interação adulto-adulto, ou seja, os nossos participantes têm na sua maioria, modelos de vinculação inseguros.

Em termos de Psicopatologia, não apresentam níveis elevados de depressão, pois os valores da média do índice de depressão de Beck não ultrapassam os 7 pontos. No entanto, os resultados obtidos para a escala ansiedade traço e estado já são mais elevados, mostrando, para ambas as vertentes desta escala de ansiedade que a nossa amostra apresenta uma ansiedade moderada.

Ao analisarmos as médias obtidas nas respostas à entrevista de persistência pessoal, observámos tanto para a dimensão *self* e para a dimensão outros que os níveis utilizados enquadram-se na sua maioria no nível 3, ou seja, no centro da escala progressiva de complexidade da estratégia escolhida, para responder ao Paradoxo da Igualdade em Mudança, definida por Chandler e seus colaboradores.

Os resultados encontrados para a estratégia adoptada para resolver o problema da persistência pessoal não nos surpreendem. A maioria dos participantes (22) utilizou uma estratégia essencialista para resolver o Paradoxo da Igualdade em Mudança, enquanto que apenas 15 entrevistados escolheram a estratégia narrativista. Estes resultados estão de acordo com os encontrados por Chandler e colegas, pois quando submeteram jovens inseridos na cultura ocidental à entrevista de persistência pessoal, o que encontraram foi uma predominância de um pensamento essencialista (Chandler et. al, 2003, p.62). A estratégia narrativista surge como a preferida na cultura não urbana, indígena. Destes resultados, Chandler e seus colaboradores concluíram que a cultura é uma forte influência na escolha da estratégia para a persistência pessoal (Chandler, et. al., 2003, p.63).

Apesar da predominância de respostas essencialistas, encontrámos na nossa amostra, toda ela ocidental, a viver em Lisboa ou nos seus subúrbios, algumas respostas (apesar de uma minoria) em que a estratégia adoptada foi a narrativista e que esta escolha pode ser associada às outras variáveis (não a todas) em estudo. Assim, acreditamos tal como Chandler, que a cultura pode ter um papel fundamental na

adoção da estratégia para resolver o Paradoxo da Igualdade em Mudança, mas que não é absoluta.

Estes resultados, levam-nos a levantar a hipótese de que podemos estar perante uma nova tendência na resolução do Paradoxo aqui analisado, nas comunidades inseridas na cultura urbana ocidental. Pensamos ser razoável o levantamento desta hipótese, pois encontramos a maior parte de respostas narrativistas junto dos participantes mais novos (M=25,133). É esta geração que mais sofre os efeitos da globalização, da sociedade pós-moderna, onde a mudança tem uma presença e um papel mais fortes que nas gerações anteriores. Assim sendo, faz-nos sentido que prefiram uma estratégia para a persistência pessoal em que a palavra de ordem é a relação e não a permanência, característica do pensamento essencialista. Estas associações que aqui sugerimos fortalecem-se quando percebemos que a tradição essencialista já não é única à qual temos acesso, como acontecia em gerações anteriores, ficando esta diluída em todas as influências que recebemos.

Os nossos resultados revelam que o grupo dos professores (grupo com uma média de idade de 38,3), utiliza um nível de complexidade/coesão de resposta (M=3,78) na entrevista de persistência pessoal (na dimensão outros) superior ao evidenciado no grupo dos alunos (M=2,944). Waterman (1982), diz-nos que os resultados de numerosos estudos confirmam que, em geral, os homens e as mulheres mais velhas têm um sentido mais forte de identidade pessoal. Os resultados de um estudo, que Marcia (1976) desenvolveu levam-nos a pensar que os anos de vida adulta são um período de fortalecimento da identidade, mas não um tempo em que surjam grandes questões identitárias ou que novas possibilidades sejam consideradas. (influências da comunicação social, tradições sociais, etc...). O período imediatamente após os anos passados na universidade, parece envolver mais uma consolidação do sentido de identidade, que a continuação na exploração de identidades alternativas, o que vai de encontro aos resultados por nós encontrados relativamente à frequência de respostas essencialistas junto dos participantes mais velhos.

Encontramos concordância nestes resultados e nas ideias de assimilação e acomodação identitárias que Kroger (2007) nos deu a conhecer. Para a autora, os adultos quando comparados com os jovens, têm mais escolhas, pois já tiveram vários tipos de experiências de vida, já estiveram expostos a um maior número de *settings*, no entanto, os adultos irão escolher, com maior probabilidade que os mais jovens,

experiências que confirmem a sua estrutura identitária, num processo de assimilação, em vez de um processo de acomodação. As respostas ao processo de assimilação identitária são mais prováveis em idades mais velhas, pois é quando os indivíduos tendem a procurar mais experiências, estilos de vida e ambientes que confirmem a estrutura identitária existente e a manter um estado de equilíbrio identitário. Tais experiências, estilos de vida e ambientes, são menos prováveis de sustentar níveis óptimos de desafios acomodativos que ajudam a desencadear mudança.

Quando comparámos os resultados obtidos junto dos participantes masculinos e femininos, apenas encontrámos uma diferença significativa nas variáveis que avaliavam a qualidade do modelo vincutivo, o que fortalece a ideia que Waterman (1982) realçou, que as comparações dos padrões de formação de identidade de homens e mulheres fornecem-nos mais semelhanças que diferenças. Respeitando os processos de desenvolvimento, os géneros mostram, de uma forma geral, probabilidades semelhantes na consideração de identidades alternativas e estabelecimento de compromissos.

Procurámos na literatura argumentos que justificassem o porquê das nossas participantes femininas apresentarem representações mais seguras do modelo de vinculação (script adulto-criança $M=3,5$; script adulto-adulto $M=3,288$) que os nossos participantes masculinos (script adulto-criança $M=3,288$; script adulto-adulto $M=2,636$), mas na nossa pesquisa de estudos que utilizaram o mesmo instrumento, não encontrámos nenhum com esta diferença tão acentuada. Assim, procurámos a resposta analisando a nossa amostra feminina e relembra-nos que no grupo dos professores, todas as mulheres, à excepção de uma, eram mães e as mais novas tinham sido mães há pouco tempo, o que pode fazer com que as suas histórias de interacção adulto-bebé estejam mais cuidadas e preenchidas de detalhes. Como os dois scripts estão correlacionados entre eles ($r=.325$ $p<.05$), parece-nos natural que as mulheres desta amostra, ao apresentarem uma representação do modelo vincutivo mais seguro, que os homens, na interacção adulto-bebé, também obtenham resultados semelhantes relativamente ao modelo de vinculação adulto-adulto.

Analisando o comportamento das variáveis consoante a estratégia adoptada na resolução do Paradoxo da Igualdade em Mudança, encontramos uma diferença significativa na escolha da estratégia e a variável script criança, em que os participantes que adoptaram uma estratégia narrativista na dimensão *self* apresentam um script

criança mais seguro (M=3,9) que os participantes que optaram por uma estratégia essencialista (M=3,2). Estes resultados são concordantes com as conclusões a que Baker (2006) chegou, que os indivíduos seguros podem estar mais disponíveis para deixarem opções em aberto e assim ter uma identidade flexível que muda ao longo do tempo, em vez de se comprometerem com determinados estilos de vida e crenças. Marcia (2002) acrescenta ainda que os adolescentes e os adultos, que conseguem ter múltiplas perspectivas deles mesmos, e dos outros, apresentam um sentimento mais firme, e ao mesmo tempo, mais flexível, de quem são.

Frank Lachman (2004) chama-nos a atenção para o trabalho desenvolvido por Stern (1954) e Winnicott (1965) sobre, respectivamente, o desenvolvimento do *self* e o desenvolvimento infantil, pois estes autores fizeram com que o conceito de identidade de Erikson, tenha reemergido como um sentido de *self*, que tem origens primitivas e é actualizado durante toda a vida. Assim a crítica que era feita a Erikson acerca da sua tendência cultural, foi psicanaliticamente aceite como uma matriz interacional. Faz-nos sentido que a dimensão *self* seja a dimensão que se relaciona com a variável script criança relativamente à estratégia escolhida para o problema da persistência pessoal, pois à medida que se desenvolve o núcleo do *self*, cresce lado a lado o sentido de *self*, um ancestral do sentimento de identidade, que se irá desenvolver consoante as respostas oferecidas pelo contexto envolvente, ou seja, o modelo de vinculação expresso pelos prestadores de cuidados.

Estes resultados transportam-nos para o estudo de Pittman et al., (2008), onde o autor associa o modelo teórico da vinculação à teoria do desenvolvimento da identidade de Erikson, ligando dois corpos teóricos que apesar de possuírem inúmeros pontos de contacto, ainda não tinham sido analisados em conjunto. O que o autor nos diz é que a natureza paralela destas perspectivas, no início do desenvolvimento, suporta a alegação de que a vinculação pode ser vista como a base para uma identidade e logo uma base também para a estratégia que escolhemos para resolver o problema da nossa persistência pessoal.

Para Pittman et al., (2008), o paralelo entre as teorias de Bowlby e de Erikson, em cada etapa está representado na importância fundamental da base segura como o suporte para a exploração. Sem esta base segura, as crianças ficam incertas acerca das suas habilidades ou da fiabilidade do suporte dado por outros. Vinculações seguras

suportam a exploração e reafirmam modelos do *self* e do mundo, justificando assim os nossos resultados, pois a estratégia narrativista tem-lhe inerente o movimento de exploração, para a solução do problema da persistência pessoal, da estabilidade identitária, colocando a questão numa perspectiva relacional, que tem em consideração a mudança.

As ideias de Pittman et al., vão ao encontro da correlação positiva, por nós encontrada, entre o script criança e o nível de complexidade/coesão na resposta ao problema da persistência pessoal, na dimensão outros, pois o que verificámos foi que quanto mais seguro for o modelo vincutivo, maior será o nível de estratégia adoptado. Ou seja, os indivíduos mais seguros terão maior facilidade em resolver o Paradoxo da Igualdade em Mudança, pois tal como Bowlby (1973) e Magai (1999) referiram, formando-se um modelo de relações e a forma como navegamos nelas, forma-se também um modelo do quão segura pode ser a exploração do mundo e, logo, da nossa identidade individual. Pittman et al., (2008), partindo das ideias centrais à teoria desenvolvida por Marcia, acrescenta que uma identidade saudável depende de uma combinação de exploração e compromisso com os aspectos adoptados na identidade.

Esta correlação encontrada na nossa amostra é reforçada com as outras associações significativas encontradas, que tanto a ansiedade traço, bem como a depressão estão correlacionadas negativamente com o nível da estratégia adoptada na resolução do paradoxo aqui analisado, na dimensão outros. Revimos nestes resultados as palavras de Marcia (2002), quando este nos diz que o compromisso das estratégias de garantia do *self*, requer manter uma perspectiva, e é exactamente isso que a dor psicológica destrói.

A nossa hipótese não foi totalmente confirmada, pois encontrámos mais correlações significativas das variáveis em estudo com a dimensão outros, abordada na entrevista de persistência pessoal, e tal não aconteceu com a dimensão *self* da mesma entrevista. Assim, a hipótese aqui levantada por nós foi parcialmente confirmada, junto da nossa amostra. Acreditamos que se observaram comportamentos diferentes das duas dimensões da entrevista de persistência pessoal, pois os participantes para responderem às questões relativas à dimensão outros, visionavam antes um filme onde estavam bem visíveis as mudanças a que a personagem esteve sujeita durante um período da sua vida, tornando mais fácil responder às perguntas colocadas, enquanto que para a dimensão

self era solicitado aos participantes que se recordassem em determinada idade e analisassem as mudanças a que estiveram sujeitos. Alguns dos participantes, de ambos os grupos, referiram que era muito difícil para eles realizarem o movimento por nós solicitado, bem como responder à questão: “Considera que é a mesma pessoa?”. Acreditamos que estas dificuldades tenham interferido nas respostas dadas e tenham influenciado os nossos resultados.

Estamos de acordo com Chandler (2007), quando este nos diz que estabilidade e mudança, são melhor compreendidas como condições constitutivas da existência humana e a nossa tarefa (como cientistas sociais e indivíduos) não será escolher uma delas, mas sim aceder às ferramentas interpretativas, que tornam possível compreender como as pessoas incorporam, simultaneamente, a igualdade e mudança (Fraisie, 1963).

Deste modo, achamos da maior pertinência perceber de uma forma mais alargada, o que entra neste jogo do Paradoxo da Igualdade em Mudança e inclui-lo nos estudos sobre identidade desta era pós-moderna, pois tem se tornado claro nos estudos mais actuais que o “encontro” de uma identidade definida, não é tão evidente ou natural como antes defendemos que seria (Kroger, 2007).

A equação da identidade tem que ser complementada com a variável mudança, mas de uma forma sem que esta surja como perturbadora de um sentido de identidade, associada à ideia de crise identitária. Para nós ficou claro que a estratégia narrativista pode não ser exclusiva de comunidades indígenas ou isoladas de valores urbanos, ocidentais, o que só enriquece este diálogo e abre-nos portas para uma melhor compreensão da existência humana e psicológica nesta era pós-moderna. Se as sociedades têm mudado e essa transformação chega a nós todos os dias, esta só acontece porque os indivíduos inseridos nesse contexto, que por algum motivo se alterou, potenciaram esse movimento de mudança. Sente-se a necessidade de uma teoria da identidade que não feche os indivíduos em estados identitários, mas que procure um entendimento psicológico mais abrangente, que não descure os “novos” aspectos que entram na equação identitária.

Creemos ser da maior importância perceber que influências recebe este Paradoxo da Igualdade em Mudança, pois ficou claro para nós que este não depende exclusivamente da cultura, mas também de diferenças individuais relacionadas com outras variáveis.

Já antes referimos aqui as ideias de assimilação identitária e acomodação identitária de Whitbourne (1996), que chegaram até nós através de Kroger (2007), a elas foi-nos muito instintivo, associar as estratégias essencialistas e narrativistas, pois tal como Kroger (2007) assume, o indivíduo luta constantemente por um sentido de equilíbrio identitário, de uma persistência pessoal.

Deixamos aqui a sugestão de um estudo que analise a forma como estas estratégias e processos identitários se relacionam. Esta correlação faz-nos sentido, pois ao confrontar-se com experiências novas, o indivíduo irá usar ou a assimilação identitária ou o processo de acomodação, para conseguir restaurar o *equilibrium* identitário, que se poderá movimentar dentro de uma estratégia essencialista ou narrativista.

Já é do nosso conhecimento científico que os indivíduos poderão ter uma preferência por respostas mais assimilativas, ou acomodativas, dependendo das suas características pessoais (abertura a novas experiências, o uso de mecanismos de defesa mais maduros, estilo cognitivo, resiliência e o possível tipo de vinculação), o importante e interessante seria perceber quais destas características pessoais interferem na escolha de um ou de outro processo e que papel tem a sua influência na resolução da questão da persistência pessoal.

Também nos parece da maior importância perceber como a tradição essencialista nos restringe dentro de uma identidade imutável e permanente, discordante com as possibilidades infinitas que nos são oferecidas por uma cultura da mudança, a da sociedade ocidental, que apesar de pós-moderna, ainda tem muito presente as tradições seculares essencialistas Judaico-Cristãs, bem explícitas nas ideias de William James (1890/1950) onde o autor nos alerta para a impossibilidade de actualização de múltiplas identificações, chegando mesmo a concluir que a actualização da identidade exige que se seleccione “o mais verdadeiro, o mais forte e o mais profundo *self*” e se renuncie e se suprima tudo o resto. Esta supressão teve um papel determinante no estudo de Schachter, oferecendo resistência a muitos entrevistados, pois certas identidades, apesar de desejadas, foram consideradas inaceitáveis para os sujeitos, pois obrigavam-nos a desistir de uma parte importante dos seus *selves* (Schachter, 2002).

5. Referências Bibliográficas

Baker, J. K. (2006). *The Impact of Attachment Style on Coping Strategies, Identity Developmental and the Perception of Social Support*. (Thesis submitted for the degree of Masters of Arts in Psychology). University of Canterbury.

Bowlby, J. (1980). *Attachment and Loss: Attachment*. New York: Basic Books.

Chandler, M., J., Hallett, D., Lalonde, C., E., & Sokol, B., W. (2003). *Personal Persistence, Identity Development, and Suicide: A Study of Native and Non-Native North American Adolescents*. Monographs of the Society for Research in Child Development. Vancouver.

Chandler, M., J. (2007). Identity in a Narrative Mode. *Journal of Applied Developmental Psychology*. vol. 28 (277-282).

Ermann, M. (2004). Editorial: Identity in Change. *Internacional Forum of Psychoanalysis*. vol. 13 (209-210)

Erikson, E., J. (1968). *Identity: Youth and Crisis*. New York: W. W.Norton & Co.

Fraisse, P. (1963). *The Psychology of Time*. New York: Harper & Row.

Gallagher, S. (1998). *The inordinance of time*. Evanston, IL: Northwestern University Press.

Greenberg, J., R., & Mitchell, S., A. (1983). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.

Grinberg & Grinberg (1976). *Identidade e Mudança*. Climepsi Editores. Lisboa.

James, W. (1891). *The Principles of Psychology*. London: Macmillan and Company.

Kroger, J. & Haslett, S., J. (1987). A Retrospective Study of Ego Identity Status Change from Adolescence through Middle Adulthood. *Social and Behavioral Sciences Documents*. vol. 17.

Kroger, J. (2004). *Identity in Adolescence: The Balance between Self and Others*. (3^a Ed). Routledge. London.

Kroger, J. (2007). Why is Identity achievement so elusive? *Identity: an Internacional Journal of Theory and Research*. 7(4). 331-348.

Lachman, F. (2004). Identity and Self: Historical Antecedents and Developmental Precursors. *Internacional Forum of Psychoanalysis*. vol. 13. 246-253.

Marcia, J., E. (1976). Identity Six Years Later: A Follow-up Study. *Journal of Youth and Adolescence*. Vol. 5. 145-160.

Marcia, J., E. (2002). Identity and Psychosocial Developmental in Adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*. 2(1). 7-29.

Martin, J. & Sugarman, J. (2000). Between the Modern and The Postmodern: The Possibility of Self and Progressive Understanding in Psychology. *American Psychologist*. 55(4). 397-406.

Pittman, J. F., Keiley, M., Kerpelman, J. L., & Vaughn, B. (2008, November). Attachment and identity/intimacy: two sides of the same coin. Proceedings of the Theory Construction and Research Methodology Workshop: *National Council on Family Relations*, Little Rock, AR.

Schachter, E., P. (2002). Identity Constrains: The Perceived Structure Requirements of a "Good" Identity. *Human Development*. vol. 45. 416-433.

Silva, D. R. (2003). O Inventário de Estado-Traço de Ansiedade (S.T.A.I.). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida, & C. Machado (Eds.),

Avaliação Psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa (vol. 1, pp. 45-63). Coimbra: Quarteto.

Vaughn, B., E., Waters, H., S., Coppola, J., C., Bost, K., K., & Veríssimo, M. (2006). Script-like attachment representations and behavior in families and across cultures: Studies of parental secure base narratives. *Attachment & Human Development*, 8(3), 179-184.

Vaz Serra & Pio da Costa Abreu, (1973). Aferição dos Quadros Clínicos Depressivos I: Ensaio de Aplicação do Inventário Depressivo de Beck a uma Amostra Portuguesa de Doentes Deprimidos. *Coimbra Médica*, 20, 623-644.

Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Waters, H. (2005). Coordenação entre o modelo dinâmico interno da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. *Análise Psicológica*, 2, 85-95.

Waters, H., S., & Waters, E. (2006). The attachment working models concept: Among other things, we build script-like representations of secure base experiences. *Attachment & Human Development*, 8(3), 185-197.

Waterman, A. (1982). Identity Development from Adolescence to Adulthood: An Extension of Theory and a Review of Research. *Developmental Psychology*, 18(3), 341-358.

Anexo 1 - Materiais

Consentimento Informado

Estudo Experimental sobre Mudança e Identidade.

Pedimos que seja o mais **sincero** possível nas respostas que irá dar. Não existem respostas certas ou erradas, interessa-nos a sua opinião subjectiva e pessoal. O presente estudo não pretende apreender ou avaliar processos individuais, mas compreender dinâmicas gerais de grupos.

O estudo será constituído por dois momentos distintos, separados por um intervalo de cinco minutos. O estudo será constituído por:

- 1) • Aplicação de dois questionários
- Visionamento de um filme com cerca de 15 minutos
- Breve entrevista sobre o mesmo filme

Intervalo (5 minutos)

- 2) • Processos de construção frásica com associações de palavras (cerca de 20/30 minutos)

Garantimos o **anonimato** e **confidencialidade** dos dados recolhidos, onde apenas o investigador irá ter acesso aos mesmos.

Agradecemos desde já a sua participação.

Autorizo a utilização das minhas respostas aos questionários e entrevista para esta investigação

(assinatura)

Consentimento Informado

Estudo Experimental sobre Mudança e Identidade.

Pedimos que seja o mais **sincero** possível nas respostas que irá dar. Não existem respostas certas ou erradas, interessa-nos a sua opinião subjectiva e pessoal. O presente estudo não pretende apreender ou avaliar processos individuais, mas compreender dinâmicas gerais de grupos

O estudo será constituído por dois momentos distintos, separados por um intervalo de cinco minutos. O estudo será constituído por:

- 1) • Aplicação de dois questionários
 - Processos de construção frásica com associações de palavras (cerca de 20/30 minutos)

Intervalo (5 minutos)

- 2) • Visionamento de um filme com cerca de 15 minutos
 - Breve entrevista sobre o mesmo filme

Garantimos o **anonimato** e **confidencialidade** dos dados recolhidos, onde apenas o investigador irá ter acesso aos mesmos.

Agradecemos desde já a sua participação.

Autorizo a utilização das minhas respostas aos questionários e entrevista para esta investigação

(assinatura)

DADOS PESSOAIS**IDADE:****GÉNERO: (F) (M)**

Índice de Depressão de Beck (BDI)

(Beck et. al, 1961; versão portuguesa Vaz Serra e Pio Abreu, 1973)

Este questionário é constituído por vários grupos de afirmações.

Por favor, faça uma cruz no quadrado da afirmação que **melhor descreva a forma como se sente hoje.**

- A) Não me sinto triste
- Ando aborrecido(a) ou triste
- Sinto-me aborrecido(a) ou triste todo o tempo e não consigo evitá-lo
- Estou tão triste ou infeliz que se torna penoso para mim
- Sinto-me tão triste ou infeliz que não consigo mais suportar
- B) Não estou demasiado pessimista, nem me sinto desencorajado(a) em relação ao futuro
- Sinto-me com medo do futuro
- Sinto que não tenho nada a esperar do que surja no futuro
- Creio que nunca conseguirei resolver os meus problemas
- Não tenho qualquer esperança no futuro e penso que a minha situação não pode melhorar
- C) Não tenho a sensação de ter fracassado
- Sinto que tive mais fracassos que a maioria das pessoas
- Sinto que realizei muito pouca coisa que tivesse valor ou significado
- Quando analiso a minha vida passada, tudo o que vejo são uma quantidade de fracassos

- Sinto-me completamente falhado(a) como pessoa (pai, mãe, marido, mulher)
- D) Não me sinto descontente com nada em especial
- Sinto-me aborrecido(a) a maior parte do tempo
- Nunca mais consigo obter satisfação com as coisas que me alegravam antigamente
- Nunca mais consigo obter satisfação seja com o que for
- Sinto-me descontente com tudo
- E) Não me sinto culpado(a) de nada em particular
- Sinto grande parte do tempo que sou mau/má ou que não tenho qualquer valor
- Sinto-me bastante culpado(a)
- Agora sinto permanentemente que sou mau/má ou que não tenho qualquer valor
- Considero que sou mau/má e não valho absolutamente nada
- F) Não sinto que esteja a ser vítima de qualquer castigo
- Tenho o pressentimento de que me pode acontecer alguma coisa de mal
- Sinto que estou a ser castigado(a) ou que em breve serei castigado(a)
- Sinto que mereço ser castigado(a)
- Quero ser castigado(a)
- G) Não me sinto descontente comigo
- Estou desiludido comigo mesmo(a)
- Não gosto de mim

- Estou bastante desgostoso(a) comigo
- Odeio-me
- H) Não sinto que seja pior de que qualquer outra pessoa
 - Critico-me a mim mesmo(a) pelas minhas fraquezas ou erros
 - Culpo-me das minhas próprias faltas
 - Culpo-me por tudo de mal que acontece
- I) Não tenho qualquer ideia de fazer mal a mim mesmo(a)
 - Tenho ideias de pôr termo à vida mas não sou capaz de as concretizar
 - Sinto que seria melhor morrer
 - Creio que seria melhor para a minha família se eu morresse
 - Tenho planos concretos sobre a forma de como hei-de pôr termo à vida
 - Matar-me-ia se tivesse oportunidade
- J) Actualmente não choro mais que o costume
 - Choro mais agora do que costumava
 - Actualmente passo o tempo a chorar e não consigo parar de fazê-lo
 - Costumava ser capaz de chorar mas agora nem sequer consigo mesmo quando tenho vontade
- L) Não ando agora mais irritado(a) do que o costume
 - Fico aborrecido(a) ou irritado(a) mais facilmente do que costumava
 - Sinto-me permanentemente irritado(a)

- Já não consigo ficar irritado(a) por coisas que me irritavam antigamente
- M) Não perdi o interesse que tinha nas outras pessoas
- Actualmente sinto menos interesse pelos outros do que costumava ter
- Perdi quase todo o interesse pelas outras pessoas, sentindo pouca simpatia por elas
- Perdi por completo o interesse pelas outras pessoas, não me importando absolutamente nada
- N) Sou capaz de tomar decisões tão bem como antigamente
- Actualmente sinto-me menos seguro(a) de mim mesmo e procuro evitar tomar decisões
- Não sou capaz de tomar decisões sem a ajuda de outras pessoas
- Sinto-me completamente incapaz de tomar qualquer decisão
- O) Não acho que tenha pior aspecto que o costume
- Estou aborrecido(a) porque estou a parecer velho(a) ou pouco atraente
- Sinto que se deram modificações permanentes na minha aparência que me tornam pouco atraente
- Sinto que sou feio(a) ou que tenho um aspecto repulsivo
- P) Sou capaz de trabalhar tão bem como antigamente
- Agora preciso de um esforço maior do que antes para começar a trabalhar
- Não consigo trabalhar tão bem como costumava
- Tenho de dispender um grande esforço para fazer seja o que for
- Sinto-me incapaz de realizar qualquer trabalho, por mais pequeno que seja

- Q) Consigo dormir tão bem como antes
- Acordo mais cansado(a) de manhã que o habitual
 - Acordo cerca de 1-2 horas mais cedo do que o costume e custa-me voltar a adormecer
 - Acordo todos os dias mais cedo do que o costume e não durmo mais que cinco horas
- R) Não me sinto mais cansado(a) do que o habitual
- Fico cansado(a) com mais facilidade do que antigamente
 - Fico cansado(a) quando faço seja o que for
 - Sinto-me tão cansado(a) que sou incapaz de fazer o que quer que seja
- S) O meu apetite é o mesmo de sempre
- O meu apetite não é tão bom como costumava ser
 - Actualmente o meu apetite está muito pior do que antigamente
 - Perdi completamente todo o apetite que tinha
- T) Não tenho perdido muito peso, se é que ultimamente perdi algum
- Perdi mais de 2,5 quilos de peso
 - Perdi mais de 5 quilos de peso
 - Perdi mais de 7,5 quilos de peso
- U) A minha saúde não me preocupa mais que o normal
- Sinto-me preocupado(a) com dores ou sofrimentos, má disposição do estômago, prisão de ventre ou outras sensações físicas desagradáveis no meu corpo

- Estou tão preocupado(a) com a maneira como me sinto ou com aquilo que sinto, que se torna difícil pensar noutra coisa
- Encontro-me totalmente preocupado(a) pela maneira como me sinto
- V) Não notei qualquer mudança recente no meu interesse pela vida sexual
- Encontro-me menos interessado(a) na vida sexual do que costumava estar
- Actualmente sinto-me muito menos interessado(a) pela vida sexual
- Perdi completamente o interesse pela vida sexual

Questionário de Auto-avaliação

STAI

INSTRUÇÕES:

Nas páginas seguintes há dois questionários para você responder.

Tratam-se de algumas afirmações que têm sido usadas para descrever sentimentos pessoais.

Não há respostas certas nem erradas.

Leia com toda a atenção cada uma das perguntas da Parte I e assinale com um círculo um dos números (1, 2, 3, 4), à direita de cada afirmação, de acordo com a instrução do alto da página.

Quando terminar, passe à Parte II e proceda do mesmo modo, depois de ler o seu cabeçalho.

Parte I

Leia cada pergunta e faça um círculo em redor do número à direita que melhor indicar como é que você se sente **agora**.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você se sente **agora**.

Avaliação

Quase sempre = 4

Às vezes = 2

Frequentemente = 3

Quase nunca = 1

1. Sinto-me calmo(a)	1	2	3	4
2. Sinto-me seguro(a)	1	2	3	4
3. Estou tenso(a)	1	2	3	4
4. Estou arrependido(a)	1	2	3	4
5. Sinto-me à vontade	1	2	3	4
6. Sinto-me perturbado(a)	1	2	3	4
7. Estou preocupado(a) com possíveis infortúnios	1	2	3	4
8. Sinto-me descansado(a)	1	2	3	4
9. Sinto-me ansioso(a)	1	2	3	4
10. Sinto-me em casa	1	2	3	4
11. Sinto-me confiante	1	2	3	4
12. Sinto-me nervoso(a)	1	2	3	4
13. Estou agitado(a)	1	2	3	4
14. Sinto-me uma pilha de nervos	1	2	3	4
15. Estou descontraído(a)	1	2	3	4
16. Sinto-me satisfeito(a)	1	2	3	4
17. Estou preocupado(a)	1	2	3	4
18. Sinto-me superexcitado(a) e confuso(a)	1	2	3	4
19. Sinto-me alegre	1	2	3	4
20. Sinto-me bem	1	2	3	4

Parte II

Leia cada pergunta e faça um círculo em redor do número à direita que melhor indicar como é que você **geralmente** se sente.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você se sente **geralmente**.

Avaliação

Quase sempre = 4

Às vezes = 2

Frequentemente = 3

Quase nunca = 1

1. Sinto-me bem	1	2	3	4
2. Canso-me facilmente	1	2	3	4
3. Tenho vontade de chorar	1	2	3	4
4. Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser	1	2	3	4
5. Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente	1	2	3	4
6. Sinto-me descansado(a)	1	2	3	4
7. Sou calmo(a), ponderado(a) e senhor(a) de mim mesmo(a)	1	2	3	4
8. Sinto que as dificuldades se estão a acumular de tal forma que não consigo resolver	1	2	3	4
9. Preocupo-me demasiado com coisas sem importância	1	2	3	4
10. Sou feliz	1	2	3	4
11. Deixo-me afectar muito pelas coisas	1	2	3	4
12. Não tenho muita confiança em mim mesmo(a)	1	2	3	4
13. Sinto-me seguro(a)	1	2	3	4
14. Evito ter que enfrentar crises ou problemas	1	2	3	4
15. Sinto-me deprimido(a)	1	2	3	4

16. Estou satisfeito(a)	1	2	3	4
17. Às vezes, ideias sem importância entram-me na cabeça e ficam a preocupar-me	1	2	3	4
18. Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça	1	2	3	4
19. Sou uma pessoa estável	1	2	3	4
20. Fico tenso(a) e perturbado(a) quando penso nos meus problemas de momento	1	2	3	4

Entrevista de Chandler para a Persistência Pessoal

- I. Apresentação de um resumo, da história de Jean Valjean, personagem do romance “Os Miseráveis” de Victor Hugo.

Fale-me/Descreva-me, com o maior número de detalhes como é Jean Valjean no início da história.

Fale-me/Descreva-me, detalhadamente como é Monsieur Le Maire no fim da história.

Concorda que JV e MM são o mesmo personagem no início e no fim da história?

Dadas todas as mudanças importantes, como é que Valjean e Monsieur Le Maire são a mesma pessoa? De que forma a personagem difere do início para o final da história?

- II. Self

Recorda-se de quando tinha 10 anos? Consegue descrever-se com esta idade?

E agora, como se descreveria a si mesmo(a)?

Como explica ser a mesma pessoa? O que faz de si a mesma pessoa?

Anexo 2 – Pressupostos a considerar na cotação da entrevista Persistência Pessoal de Chandler et. al, (2003)

Metodologia Geral: como acedemos individualmente ao Paradoxo da Igualdade em Mudança?

A prática procedimental introduzida por Chandler (2003) e utilizada por nós, de forma a perceber como é resolvido individualmente, o paradoxo da igualdade em mudança, consiste em questionar os participantes como eles reconciliam o seu passado, a forma como se descrevem com determinada idade (10 anos) e como se descrevem agora (no presente). Deste modo, os sujeitos são confrontados com as mudanças que sofreram e que eles, mesmos descreveram. Chandler (2003), verificou que os participantes quando questionados, apresentam um conjunto grande de razões, quer a favor da sua persistência pessoal, bem como diversos motivos para as mudanças que sofreram e que as estratégias que utilizam para reconciliar estes dois pólos do paradoxo em análise são muitas e distintas. Foi a partir do seu estudo com cerca de 200 adolescentes que conseguiu delimitar estas duas estratégias de garantia de continuidade do *self* e operacionalizá-las em cinco níveis.

Outra questão que Chandler levanta é se a forma como perspectivamos a persistência do nosso self abrange a forma como olhamos a persistência dos outros, das pessoas mais velhas que nos rodeiam, das pessoas de outras culturas... Chandler (2003): "Utilizaremos estratégias mais ou menos complexas de racionalização do paradoxo de Igualdade em Mudança, quando falamos da nossa própria vida? Terá a familiaridade algum papel nesta questão, ou a distância pessoal ao problema realçará o melhor das nossas qualidades analíticas?". Segundo Chandler a forma como respondemos à questão da persistência pessoal, no que se concerne à nossa própria vida e à vida dos que nos rodeiam, está relacionada. No seu estudo, verificou que a maior parte dos participantes responde com o mesmo tipo de estratégias quando questionados sobre as suas continuidades pessoais e das dos outros.

A forma que encontrou para aceder à continuidade dos outros, foi através de figuras literárias. Utilizou as personagens do romance de Charles Dickens "Um conto de Natal" e a personagem de Jean Valjean, do romance de Victor Hugo "Os Miseráveis". Deste modo, encontrou maneira de analisar as capacidades de cada um, de encontrar bases para a persistência, confrontando os participantes com circunstâncias que são

compreendidas por todos através das vidas sempre em mudança destas personagens. Os sujeitos, depois de estarem por dentro de cada romance, foram levados a comentar as personagens no início e no fim da história e, assim, serem confrontados com as transformações que ocorreram ao longo da vida destas personagens e envolvidos na discussão acerca da persistência pessoal, numa primeira fase na perspectiva do outro e depois sobre eles mesmos.

I. Estratégia Essencialista: Estrutura Explicativa

Os indivíduos que se inserem nesta estratégia definem-se a si mesmos e aos outros, de acordo com algo mais ou menos abstracto, uma entidade substantiva ou uma essência (Barclay & Smith, 1990), que acreditam ficar à parte, ou escondida do tempo e que as mudanças pessoais, que ocorrem inevitavelmente, são de algum modo, apenas parciais ou meramente de apresentação, triviais.

Nível 1: Relatos de Inclusão Simples

A menos elaborada das estratégias essencialistas, onde cada um de nós é visto como o que Lacan (1968, p.599) chamou de “body in parts”: “uma colecção aditiva de bocados autobiográficos justapostos (...) que podem facilmente separar-se” (Chandler, 2003). Para os indivíduos que se enquadram este tipo de argumento, é suficiente o facto de certos aspectos físicos permanecerem iguais, ou por exemplo o seu nome, outra justificação geralmente usada é a do ADN.

Nível 2: Relatos Topológicos

Aqui, as estratégias de garantia para a continuidade estão associadas à crença de que o *self* é mais que uma estrutura transitiva simples de partes arbitrárias, terá sim uma arquitectura organizada. As respostas que se inserem neste nível relacionam igualdade e mudança, ao contrário das do primeiro nível, mas qualquer tensão que possa surgir com esta dialéctica é facilmente resolvida, pois a mudança é percebida como sendo apenas aparente, ou seja, é defendido que a mudança fundacional não existe, é impossível. As respostas remetem para uma justificação de uma existência permanente de todas as características do sujeito, mas que devendo ser reconhecidas por terceiros, não foram visíveis até ao momento por outros.

Nível 3: Relatos Pré-formais

Nos argumentos deste nível, ambas a mudança e igualdade são reconhecidas, a forma encontrada para responder ao paradoxo é perceber o *self* como possuidor de atributos estáveis e duradouros, atributos estes que não estão igualmente evidentes em todos os momentos do desenvolvimento, mas iminentes, que apenas esperam na “asa do seu tempo natural de ascendência” (Chandler, 2003). Para estes indivíduos é impossível a complexificação de estruturas do *self* ou o seu inverso. Este nível enquadra respostas que remetem para um reconhecimento do sujeito, das suas características, desde sempre, porém estas apenas se vão manifestando e tomando forma, ou emergindo, em determinadas fases do seu desenvolvimento e são condicionadas por uma maturação.

Nível 4: Relatos Claramente Essencialistas

A este nível, estão associados argumentos do tipo fenótipo – genótipo: uma divisão que permite o reconhecimento activo da mudança. Os sujeitos que utilizam esta estratégia vêem o *self* como uma estrutura organizada hierarquicamente, com uma certa internalidade, que corresponderá a uma base fundacional, central, pois será definidora da verdadeira essência, da natureza única de cada um de nós. De acordo com esta hierarquia, a mudança, ou as mudanças são compreendidas como superficiais, vistas como epifenómenos, enquanto por baixo dessa superfície efémera, fenotípica, ainda pode ser imaginada uma igualdade essencial.

Nível 5: Relatos Revisionistas

Encontramos, neste nível, respostas assentes numa qualidade essencial do *self*, algo de permanente e etéreo que aparece como uma raiz segura para toda a existência. É expressado um desencanto pela persistência ganha com o preço de uma fixação genotípica, esforçam-se por demonstrar que apesar de sofrerem mudanças, o seu empenho em valores mais “altos”, profundos, por exemplo a verdade, foi sempre o mesmo.

II. Estratégia Narrativista: Estrutura Explicativa

Esta estratégia, para Chandler, abraça de facto a mudança e privilegia a procura de explicações, de como a mudança surge e que lugar ocupa nas nossas vidas. Esta abordagem entra em choque directo com as respostas Essencialistas, pois estas

preocupam-se em localizar uma entidade que habita a “ilha da igualdade num mar de diferenças pessoais” (Chandler, 2003), enquanto que as respostas narrativistas, de uma forma geral, rejeitam a possibilidade da existência de algo substantivo – um aspecto duradouro do *self* – que é imutável à passagem do tempo. Ao invés, estes informantes, no que se refere à questão da persistência, utilizam argumentos que defendem que as várias partes das suas vidas estão unidas pelo simples facto de possuírem significado e de serem compreensíveis numa cronologia ou narrativa pessoal.

O que distingue os vários esforços narrativistas é que nem todos os indivíduos desenvolvem o mesmo tipo de argumentos, ou têm a mesma ideia sobre o que é determinante na construção de uma história de vida e, conseqüentemente, surgem cinco linhas progressivamente diferentes de argumentos narrativistas.

Cada uma das abordagens narrativistas, tem cada como ponto de partida concepções diferentes sobre a estrutura do *self*, representando cada uma delas diferentes relações, no que se refere à natureza das ligações entre os vários episódios que juntos formam uma história de vida.

Nível 1: Relatos Episódicos

Para Chandler, as respostas do nível um, reflectem o entendimento de que os *selves* são, sem qualquer forma de escape, “seres no tempo” (Flanagan, 1996, p.67). Para estes indivíduos a vida é constituída de episódios, que ocorrem uns atrás dos outros, não existindo, necessariamente, uma ligação entre eles. Assim sendo, o problema da continuidade é solucionado superficialmente, pois o que é apresentado é uma lista de contingências que juntas formam “uma vida de passagem com alguns detalhes episódicos” (Chandler, 2003), como se a existência numa fracção de tempo fosse a justificação da continuidade pessoal.

Nível 2: Relatos Picarescos

Neste nível encontramos participantes, cuja narrativa corresponde mais a uma identificação com um personagem, ou personagens típicos de um determinado contexto, do que a um reconhecimento como pessoa, algo como se se tratasse de uma espécie de identidade funcional, adaptada e maleável, em que é aceite a mudança das circunstâncias, mas não a dos indivíduos.

Nível 3: Relatos Causais

Aqui o presente *self* é visto de várias formas:

- a) O passado ancestral como causa determinante ou antecedente;
- b) O crescimento natural num processo previsível de maturação.

Os indivíduos neste nível, compreendem-se a si mesmos e aos outros como o resultado de sequências maturacionais de causa-efeito – sequências estas que fornecem coerência e significado, ao que eles entendem como mudanças reais nas suas vida. Ou seja, existe o reconhecimento de um movimento de causa efeito no desenvolvimento do eu. Os participantes cotados neste nível atribuem uma lógica causal ao presente, como se aquilo que são no presente fosse inevitável face a um determinismo total.

Nível 4: Relatos claramente Narrativistas

Neste nível, não é tanto a orientação passado-presente, que partilham com os indivíduos do nível anterior, mas mais uma compreensão total de que as relações determinantes são, de certa forma, mais liberalizadas (Chandler, 2003). Estes participantes vêem se menos como “peões das circunstâncias” (Chandler, 2003) e mais como “agentes consolidados” (Lakoff & Johnson, 1999), que partilham a responsabilidade no rumo que escolhem para as suas vidas. Falamos de indivíduos que definem o *self* como uma espécie de centro gravitacional das suas narrativas pessoais. Descrevem a sua história como uma permanente descoberta e adaptabilidade a vários contextos.

Nível 5: Relatos Interpretativos

Para Chandler, são colocadas nesta categoria, respostas centradas em tentativas de fazer uma releitura interpretativa do passado, de acordo com a situação presente, de forma a encontrar um sentido para a percepção da continuidade, considerando o “texto” da sua vida como algo passível de múltiplas leituras. Estes participantes não centram os seus esforços em descobrir o princípio que orienta as suas vidas, mas sim em procurar sentido na leitura do passado através do presente (Polkinghorne, 1988). Tipicamente, evidenciam algum cepticismo sobre as prospecções futuras do que, presentemente, acreditam ser verdade sobre eles mesmos.

Anexo 3 – Cotações das entrevistas de Persistência Pessoal recolhidas na amostra

Grupo 1 Alunos

Participante A

Outros: N3

Self: E2

Participante B

Outros: N3

Self: N3

Participante C

Outros: N2

Self: N3

Participante D

Outros: E4

Self: E4

Participante E

Outros: E2

Self: E2

Grupo 2 Professores

Participante 1

Outros: N4

Self: E3

Participante 2

Outros: E4

Self: E3

Participante 3

Outros: E2

Self: E4

Participante 4

Outros: N4

Self: E4

Participante 5

Outros: E4

Self: E3

Participante F

Outros: N2

Self: E2

Participante 6

Outros: E3

Self: E2

Participante G

Outros: N3

Self: N4

Participante 7

Outros: E3

Self: E2

Participante H

Outros: E2

Self: E3

Participante 8

Outros: E4

Self: E3

Participante I

Outros: E4

Self: E2

Participante 9

Outros: E4

Self: N4

Participante J

Outros: N4

Self: E4

Participante 10

Outros: E4

Self: N4

Participante K

Outros: E3

Participante 11

Outros: E3

Self: E4

Self: E3

Participante L

Participante 12

Outros: E1

Outros: E3

Self: E2

Self: E3

Participante M

Participante 13

Outros: N3

Outros: N3

Self: N4

Self: N3

Participante N

Participante 14

Outros: N3

Outros: N4

Self: N4

Self: E3

Participante O

Participante 15

Outros: E3

Outros: E4

Self: E3

Self: E5

Participante P

Participante 16

Outros: N5

Outros: E3

Self: N5

Self: E4

Participante Q

Outros: N3

Self: N4

Participante R

Outros: E2

Self: E3

Participante 17

Outros: E5

Self: N5

Participante 18

Outros: E5

Self: E4

Participante 19

Outros: E4

Self: E4

Anexos 4 - Spss

Tabela de correlações

Correlations

			script_crianca	script_adulto	nivel_self	nivel_outros	bdi	tracototal	estadototal
Spearman's rho	script_crianca	Correlation Coefficient	1,000	,326*	,250	,331*	-,228	-,193	-,265
		Sig. (1-tailed)		,024	,068	,023	,088	,126	,057
		N	37	37	37	37	37	37	37
	script_adulto	Correlation Coefficient	,326*	1,000	-,143	-,006	-,118	,080	,029
		Sig. (1-tailed)	,024		,199	,485	,243	,318	,433
		N	37	37	37	37	37	37	37
	nivel_self	Correlation Coefficient	,250	-,143	1,000	,473**	,040	-,008	-,154
		Sig. (1-tailed)	,068	,199		,002	,407	,482	,181
		N	37	37	37	37	37	37	37
	nivel_outros	Correlation Coefficient	,331*	-,006	,473**	1,000	-,310*	-,382**	-,407**
		Sig. (1-tailed)	,023	,485	,002		,031	,010	,006
		N	37	37	37	37	37	37	37
	bdi	Correlation Coefficient	-,228	-,118	,040	-,310*	1,000	,617**	,663**
		Sig. (1-tailed)	,088	,243	,407	,031		,000	,000
		N	37	37	37	37	37	37	37
	tracototal	Correlation Coefficient	-,193	,080	-,008	-,382**	,617**	1,000	,774**
		Sig. (1-tailed)	,126	,318	,482	,010	,000		,000
		N	37	37	37	37	37	37	37

estadototal	Correlation Coefficient	-,265	,029	-,154	-,407**	,663**	,774**	1,000
	Sig. (1-tailed)	,057	,433	,181	,006	,000	,000	
	N	37	37	37	37	37	37	37

*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

